

*Cléverson Israel Minikovsky*

*Mariano Soltys*

A  
IDEOLOGIA  
BRASILEIRA:

O GNOSIOLOGISMO HISTÓRICO

2014

# Sumário

A ideia da obra .....	03
Gnoseologia suficiente .....	22
O capital constante.....	42
O conhecimento criador .....	92
A acumulação primitiva .....	112

# *A ideia da obra*

Cléverson Israel Minikovsky

A tese central desta obra consiste na ideia de acordo com a qual a natureza, difusão ou sigilosidade, qualidade, quantidade, extensão, profundidade e metodologia do conhecimento dos indivíduos condiciona a ética, a religião, o direito, a política, a economia e o modo como eles ganham a vida, a família, etc. Não é o capitalismo que gera o conhecimento, é o conhecimento que gera o desenvolvimento da técnica e da ciência que, por sua vez, geram o capitalismo. O desenvolvimento das forças produtivas depende do conhecimento. O materialismo histórico de Marx e Engels está de ponta-cabeça. Não é a sociedade que determina o conhecimento, é o conhecimento que determina a sociedade. A história de todas as sociedades que existiram até hoje reflete a história de seu conhecimento. Durkheim foi genial ao escrever

sobre a Divisão Social do Trabalho. O que ele não disse claramente é que a Divisão Social do Trabalho espelha a Divisão Social do Conhecimento. Weber ficou famoso ao destacar a importância da religião nos fenômenos sociais, mas deveria ainda ter dito que a religião só é importante à medida que também ela é uma forma de conhecimento. Aliás, o conhecimento religioso é a base de toda civilização enquanto ideologia do patriarcado que se inicia há dez mil anos. Comte coloca a evolução do conhecimento na plataforma: teologia → filosofia → ciência. O conhecimento dominante não no é dominante por ser proferido pela classe dominante, pelo contrário, é o conhecimento dominante que fabrica as classes dominantes. Todo o conhecimento é código, daí a importância da criptografia. O destino e o status de um conhecimento fluem através das confrarias. Há igrejas dentro do conhecimento. E como toda fé, não é o crente que justifica sua fé, pelo contrário, é aquilo em que ele crê que o credibiliza. Saber é bom, mas saber demais é um risco a quem detém o

conhecimento, inclusive risco de morte. Não é o conhecimento que legitima a sociedade, é a sociedade que legitima o conhecimento. No sentido de que o conhecimento é a infraestrutura e a sociedade e a economia são a superestrutura. O sucesso de uma espécie depende de sua capacidade de transmissão de informações às gerações vindouras. Já conseguimos produzir DNA sintético. E um grama de DNA sintético consegue conter o mesmo cabedal de informações da soma de quatro mil CD's. A invenção da escrita potencializou a capacidade de armazenamento, transmissão e reprodução de dados e a informática cumpre função análoga e mais radical. A grade na janela do mosteiro tem uma dupla função: não deixar o conhecimento escapar ou ser destruído, mas também monopolizar. O copismo era o que havia de melhor quando não se tinha a imprensa. A imprensa foi marco na expansão da galáxia chamada conhecimento. Mas o conhecimento também tem limitações. É assim que o mapa e projeto da bomba atômica estão na internet, mas

não é todo mundo que tem dinheiro para fabricá-la. Marx faz o conhecimento se tornar um apêndice da maturação das forças produtivas. Isto é errado. O conhecimento pode não ser causa final, mas é causa eficiente do desenvolvimento da estrutura física da sociedade. Foi a filosofia que inventou a sociedade grega assim como o juridiquês e a ciência militar engendrou Roma. Muito acertada foi a guinada dentro da filosofia da metafísica à epistemologia. Tão importante quanto tentar conhecer é vislumbrar os pressupostos do conhecimento. O conhecimento é uma linguagem bem construída. É assim que os Meios de Comunicação Social são muitas das vezes uma antítese ao conhecimento, pois o que se vê ali é a decadência da conversação e o conhecimento é discurso solene. O conhecimento impactante, seja na área da religião, filosofia ou ciência tem de ter revelação. É assim que por conta do cristianismo a teologia se torna o saber máximo a ponto de a filosofia se tornar “*ancilla theologiae*” e por conta de Vico a História se tornar a sublime ciência, e em

razão de Newton a física se tornar modelo para outras disciplinas, o mesmo podendo ser dito da biologia por conta da autoridade de Darwin. O conhecimento muitas vezes é como lançar dados, é imaginação, é conjectura. E a posteriori, o que vem é a hermenêutica tentando responder o que o autor tentou dizer. O conhecimento sempre revela, outrossim, uma escala de valores, uma axiologia. E ele sempre é provisório e tem prazo de validade. Outra questão que se coloca é a criteriosidade. No Ocidente se preconiza o evidente e o racional, no Oriente há admissão da mística e de elementos não estritamente racionais. Todo conhecimento está cabido dentro de um vão cerceado por premissas e corolários. E a totalidade disto tudo se chama metanarrativa. E todo nosso trabalho consiste em tornar os presumidos nos explícitos e fazer com que o conhecimento perfunctório se torne no conhecimento exauriente. O conhecimento é esta instância que carece ter coerência interna e adequação à realidade. O conhecimento pode aprioristicamente antecipar a realidade ou a

posteriori fazer um feedback. A práxis é o casamento da ação e do conhecimento. Vivemos no tempo não só do conhecimento partilhado, mas da inteligência partilhada. Grande intuição foi a da antropologia: debruçar-se sobre as chamadas “sociedades primitivas” porque sabia que as ciências criadas pelo homem caucasiano tencionava descrever o homem ocidental a partir dele mesmo, por ele mesmo, para ele mesmo. De Kant é a frase “aude sapere”, ou seja, “ousa saber”. O espírito do iluminismo é fazer o indivíduo conduzir-se de acordo com seu próprio entendimento sem aconselhamento de segundos ou terceiros. O enciclopedismo é o esforço de reunião e sistematização do saber. Graças ao debate dos filósofos hoje sabemos que não é possível alcançar a verdade real, apenas enunciados prováveis e verossimilhantes. Pode-se corroborar ou refutar uma proposição atômica pela experimentação. O parâmetro da cientificidade é a própria falseabilidade. Todo enunciado é precedido pela indução. Aliás, a indução é a antecâmara da

dedução. E o próprio raciocínio lógico é incapaz de dizer aquilo que está além do óbvio. O conhecimento é descrição, mas também ferramenta de ingerência. Outra coisa que se discute é se o conhecimento é uma lente através da qual vemos a realidade ou se é a descrição da própria realidade. Estamos mais alinhados com a primeira hipótese. Questão já suscitada pelo velho Heráclito é: como vamos ter um conhecimento seguro da realidade se ela é dinâmica? Isto significa, no mínimo, que o conhecimento também é dinâmico, pois precisa ajustar-se continuamente à realidade. Há quem diga que a razão, fonte da qual emana todo conhecimento, é instrumental e que o reino dos fins é irracional. Digo que todo instrumento tem um fim de antemão, assim como o do violino é produzir som melodioso e o da agulha é injetar medicamento. Para Habermas o conhecimento é um consenso. Assim admite-se um grande convencionalismo. A tese de Weber, seja ela, a de desencantamento do mundo diz respeito, em primeiro lugar, ao conhecimento. Pois agora o

conhecimento não é mais busca de sentido, mas como uma enorme anatomia a destringer músculos e ossos. Concordamos com a premissa de Wilson de Matos Silva de acordo com a qual “a sociedade está em processo de conversão ao conhecimento”. Os povos ágrafos são povos bebês e a marca das sociedades desenvolvidas é o grafocentrismo social, porque a escrita é a essência do conhecimento. Vemos que cada vez mais o virtual condiciona o material. E quanto mais evoluirmos, mais importante se tornará o virtual. Matéria mui importante já hoje e mais ainda no futuro será a arqueologia e a história do conhecimento. O Nome da Rosa é obra de Umberto Eco que mostra a morte de toda uma tradição intelectual. Nos dias de hoje se pretende mais é divulgar as produções teóricas. Quando o assunto é produção de conhecimento o protagonista é o agente teórico promotor de mudança. O conhecimento, aliás, é o palco de luta entre a perpétua latência conservação versus mudança. Tudo é conhecimento porque tudo é cultura. Comte e Marx haviam observado que

devido ao acúmulo de conhecimento os vivos são cada vez mais comandados pelos mortos. O conhece-te a ti mesmo socrático é a noção de que todas as formas de conhecimento não passam de uma grande antropologia. O homem é o único animal que sabe que sabe. O conhecimento diferencia o adulto da criança, o civilizado do bárbaro. O conhecimento faz com que o homem seja ele mesmo, ou seja, humano. Ignorância é alienação e conhecimento é resgate de si. Pior que a alienação econômica é a intelectual. O erro consiste em supor o falso por verdadeiro. Não negamos que o produtor de conhecimento possa ser, às vezes, interesseiro e que faça embustes do tipo reserva mental. Mas a comunidade científica desfaz estes mal-entendidos. Se existe uma ferramenta que é útil para todos os conhecimentos está é a estatística. O conhecimento é uma tradição. Ou seja, trazer algo para o presente e projetá-lo para o futuro. O velho é continuamente reinventado, há repescagem. O conhecimento, em que pese a vitória do cientificismo, sempre será

representação de mundo. Ele sempre nos norteará e servirá de orientação existencial. Saber é poder e poder, dentre outras coisas, é status. Como todas as outras coisas, também o conhecimento está sujeito a modas. A educação deve ser universal, gratuita e de qualidade em todos os níveis. O conhecimento define todas as correlações de forças. Os países que hoje são emergentes, em sua maioria, há vinte anos atrás, investiram pesadamente em educação. A mídia é o quarto poder porque define o que as pessoas podem e devem saber. Quando se diz que a tecnologia suprimiu espaço e tempo entre as pessoas, na verdade, está a se dizer que o conhecimento derrubou os muros que cercavam a ele próprio. Conhecimento gera conhecimento. A África é o lanterna dos continentes por ser o menor produtor/detentor de conhecimento. Quando Hegel diz que um indivíduo não consegue ser maior do que o seu período histórico permite ser apenas está referendando que em cada etapa do desenvolvimento da humanidade a noosfera está

num determinado grau de desenvoltura. E quando Marx diz que os homens fazem a História, mas não a fazem como querem apenas está dizendo que somos brindados e condenados com um determinado tipo de conhecimento. O conhecimento não é valoroso apenas por aquilo que ele diz explicitamente, mas muito mais pelo que ele autoriza inferir. Inferência é peça chave na consecução de vitórias teóricas e práticas. O poder heurístico é a marca do conhecimento de boa qualidade. Marx fala que o homem é um feixe de relações sociais, mas o que flui nos relacionamentos não é outra coisa senão conhecimento. Marx diz nas Teses sobre Feuerbach que não importa interpretar o mundo de várias maneiras, é preciso transformá-lo. Ora, o que transforma o mundo é o conhecimento. Nenhuma revolução sangrenta conseguiu produzir a menor das partes das revoluções engendradas por novas formas de conhecimento. E neste sentido também o marxismo deve ser considerado uma forma de conhecimento. Não é a mudança econômica que é

o motor da História, mas é a mudança do paradigma de conhecimento que faz a engrenagem do mundo girar. A raiz do homem é o conhecimento que ele tem de si e do seu entorno. A característica de toda nova forma de conhecimento que surge – e o marxismo está dentro disso – é que ela vê a si mesma não como uma forma transitória de cognição do real, mas como o modelo definitivo e absoluto. O homem faz o conhecimento e o conhecimento faz o homem. O conhecimento é histórico porque é humano e tudo o que é humano é histórico. A filosofia é transtemporal à medida que não se apresenta como um conhecimento, mas como o conhecimento acerca do conhecimento. O homem produziu várias teorias para explicar muita coisa, mas nunca elaborou uma filosofia da história tomando o próprio conhecimento como o fator desencadeante dos vários modos de pensamento e de tudo o mais que existe. O mérito do gnosiologismo histórico é colocar o conhecimento no seu devido lugar, no centro. E tudo o mais é periférico. O conhecimento sempre foi visto como

um fenômeno girando em torno de uma série de realidades, mas ele é o cerne e não o acidente. O conhecimento não é a busca da essência, mas ele próprio é o numenon. O gnosiologismo histórico é o insight em que o conhecimento deixa de tomar consciência de realidades várias para tomar consciência de si mesmo. O conhecimento não é o regrado, é o regrador. O Marx do século XIX foi o Marx do trabalho, mas Cléverson Israel Minikovsky, o novo Marx, prima pelo conhecimento antes de qualquer coisa, antes mesmo do trabalho e de suas relações. Trabalho gera conhecimento, mas conhecimento gera muitíssimo trabalho. Num mundo em que a cada seis meses são lançadas na rede mais informações do que tudo aquilo que a humanidade produziu desde que ela existe não dá para continuar colocando a tônica no trabalho. Sem dúvida, as sociedades de hoje são sociedades do trabalho, mas muito antes disso o são sociedades do conhecimento. A comunidade produtora de conhecimento é como o leme de um navio que dá direção a toda nave social e o que ela abarca. Toda

a mão-de-obra é conduzida pela cabeça-de-obra. Globalização é acima de tudo globalização de conhecimento e não de capitais financeiros. O conhecimento, no fundo, é o milagre grego do despertar filosófico, que continua reverberando até nossos dias. O conhecimento nasce em umas poucas cabeças iluminadas e agora toma conta de todos, tornando as razões mais fracas nas mais fortes. O conhecimento é a última grande onda depois da revolução agrícola e depois da revolução industrial. Não é o desenvolvimento das forças produtivas por si só – embora isto faça parte – que cria as condições para uma nova sociedade, pelo contrário, é a difusão do conhecimento que engendrará a mais organizada, a mais democrática e a mais justa das sociedades possíveis. Viveremos, graças ao conhecimento, no melhor dos mundos possíveis. Temos de apostar no desenvolvimento das forças intelectuais. A tração das sociedades é o conhecimento que elas produzem. O conhecimento, ao lado da força de trabalho, mas bem mais do que ela, é uma

mercadoria que tem a peculiar característica de engrandecer seu próprio valor. Um país com alta taxa de exploração de mão-de-obra e pouco conhecimento produz menor excedente do que um país com baixa taxa de exploração de mão-de-obra e bastante conhecimento. Se o conhecimento estiver muito abaixo da média geral, num determinado ramo de atividade, por maior que seja a exploração de mão-de-obra, ela dará prejuízo. Porque a mão-de-obra sempre e necessariamente carece ser potencializada pelo capital inteligente corporificado na técnica e na burocracia. Isto vale para os dias atuais e para os dias de Marx de igual forma. Quanto mais o homem se aplica ao conhecimento tem a impressão de menos saber. A zona limdeira entre o saber e o não saber fica cada vez mais extensa. O conhecimento, ao invés de resolver problemas, cria novos problemas e muda os velhos de lugar. Se a religião é o ópio do povo, o marxismo é o ópio dos intelectuais. Marx é mais conhecido e lido pelos burgueses do que pelos proletários. O conhecimento segregado a um grupo

restrito é a causa de todos os fetiches e de todas reificações. O conhecimento é algo essencialmente supraclassial. A tensão entre campo e cidade não é só geográfica, mas também uma questão de conhecimento. O Estado é o monopolizador da certificação do conhecimento e é ele quem diz o que é e o que não é oficial. Darwin enunciou uma das maiores regras para a compreensão do conhecimento: é necessário que o indivíduo tenha aptidão intelectual e que o sujeito cognoscente se adeque às mudanças de conceito. É impossível uma sociedade sem classes, o nível de conhecimento entre os indivíduos sempre será outro. O homem total de Marx é uma ilusão, sendo mais realista o conceito de consciência infeliz de Hegel. A burguesia foi revolucionária e continua sendo revolucionária. E ela toma toda sua força do iluminismo. Na universidade dos dias de hoje o aluno é um repetidor. Não se fomenta a criatividade teórica. Os doutores que estão encastelados nas universidades precisam ser incomodados. Lembrando que “incomodar” significa tirar do lugar

comum. Por mais que o cabedal coletivo de conhecimento cresça, ele sempre terá uma dimensão sélfica. Se negridade é jeito de ser e negritude é a identidade dentro da negridade, intelectividade também é jeito de ser e intelectude é a identidade e individuação dentro da intelectividade. Lembrando que identidade nós identificamos e personalidade nós construímos. O capitalismo propicia ao máximo a criação de conhecimento, o que prepara campo para o socialismo, ou seja, a propriedade coletiva do conhecimento. Nenhuma ditadura é boa para o conhecimento, nem a ditadura dos sábios e não merece sequer comentário a ditadura do proletariado. O socialismo tal como Marx o concebeu é um empecilho à honestidade científica. Marx tinha compromisso moral para com a classe trabalhadora e isto vicia todos seus escritos. A humanidade não pensou nem a milésima parte de tudo o que ainda será pensado. Marx achava que a base material estava próxima para receber a sociedade vindoura. Mas o conhecimento não. A

humanidade precisará produzir ainda muitíssimo conhecimento para chegar ao modelo ideal. O conhecimento nasce como know how. O homem construiu o primeiro conhecimento para poder manter a si mesmo. O conhecimento é esta ruptura: eu deixo de simplesmente me apropriar do que a natureza me oferece para transformar o original em algo derivado. Conhecer é transformar. A filosofia é o conhecimento mais elevado justamente porque é o mais abstrato: ela serve de diretriz para o comportamento que é a inteligência nevrálgica contenedora de uma infinidade de atos isolados e concatenados. Talvez uma das perguntas que poderiam ser feitas é “por que os indivíduos não se empenham mais em produzir conhecimento se tudo depende do conhecimento?”. Simples: porque é muito mais fácil se apropriar do conhecimento alheio. O que recomendo eu? Cientistas e intelectuais de todo o conhecimento uni-vos? Não, porque para o conhecimento progredir ele precisa estar dividido. Ainda que o conhecimento seja um tipo de unanimidade. O mundo muda quando o

conhecimento muda de mãos. Porque ainda que um grupo seja o monopolizador de uma categoria de meios de produção, um novo conhecimento pode pôr em circulação algo mais sofisticado e sucatear aquilo que era objeto de exclusividade. O conhecimento esbarra em fatores limitantes como, por exemplo, a falta de estrutura do Estado. É assim que o jurista ficou reduzido a mero operador jurídico e o neocausídico que desenvolve em suas petições teses arrojadíssimas vê o processo naufragar porque há um enorme descompasso entre a mão de obra da judicatura e a advocatícia. Um tem serviço demais e outro não tem quem lhe atenda. Com a proliferação de bacharelados voltados ao magistério houve uma proletarização dos professores. Algo semelhante está a acontecer com contabilistas e advogados. É que certos ramos de conhecimento se propalaram demasiadamente.

# Gnosiologia Suficiente

Mariano Soltys

O conhecimento se sustenta por si mesmo. Vemos que ele tem sim importância existencial, e que envolve muitas áreas da vida, sendo essencial a fases históricas da humanidade. Existe mesmo uma evolução do conhecimento, e isso nos leva a determinado saber em cada época histórica. Ou seja, cada éon tem o seu conhecimento, e seu rol de importâncias. Passamos por períodos agrícolas e industriais de sobrevivência, e agora temos o próprio conhecimento como garantidos de uma qualidade de vida maior. O conhecimento filosófico nasceu de uma física e partiu a metafísica, chegando por fim numa síntese de ambas. Em sociedades primitivas notamos esse conhecimento marcado em sua arquitetura, e mesmo nos escritos que nos deixaram. Mesmo sendo questionável a

história presente nesses antigos escritos cuneiformes, resta porém a informação que o conhecimento adquirido em determinada civilização que deu origem ao que ela foi realmente. Antes de transformar a sociedade, é preciso ter o conhecimento. Observamos assim que o que se tem por religião não é nada mais que a repetição do conhecimento dos mistérios, dado por um adepto ou mestre, mas que não é e nem poderia ser dado a todos os discípulos. Esse conhecimento é experiência e depende de evolução de cada um para acessá-lo. Mas por outro lado, se deixou símbolos para a maior parte das pessoas, e isso lhes dá um elemento teleológico ao conhecimento, a fim de que por fim encontrem a metanarrativa do mestre. Para tanto, o conhecimento é a chave para os diversos problemas humanos, e para mais que seu sustento, para sua qualidade de vida e felicidade.

O conhecimento leva a realidade, justamente porque o conhecimento é realidade. Não se pode, deste modo, dizer que certo conhecimento se trata

de mera fraseologia ou fantasia. Pois existe uma realidade interna, e qualquer realidade externa necessita dessa primeira para se sustentar. O que temos porém, é que devemos antes fundar um conhecimento material e empírico, para depois estarmos preparados ao atinente ao espírito. O conhecimento assim involui e evolui. Essa evolução se dá por passos dentro de um eon, quando se acessa intuitivamente o Todo e a mônada, da qual se veio de forma seminal. As estrelas são assim os melhores professores, e as energias provenientes do Cosmos nos dão o conhecimento. Cada pessoa terá uma forma de conhecimento compatível a sua natureza. O conhecimento filosófico levou em conta muito a idiosincrasia de cada pensador, e vemos essa práxis refletida na sociedade grega, e mesmo depois na romana e noutras. Quando a humanidade necessitava de uma metanarrativa dogmática, esta teve ao seu dispor. Quando necessita de uma metanarrativa caótica, assim é alimentada por essa. O conhecimento é a própria realidade, e a forma como vemos a realidade.

Sabemos que isso envolve uma idiossincrasia, pois uns filósofos viram esse conhecimento na água, outros no fogo, outros em Apeiron, outros na produção, e assim por diante. Percebemos que isso já passou por alguns pilares de fundamento, como Sócrates, Platão, Aristóteles, Tomás, Descartes, Hegel e Marx. Isso nos revela que existe uma história do próprio conhecimento, e que a história que nos interessa é essa, pois é a lente de cada momento e sua cosmovisão. Se a realidade é o mundo das ideias, ou apenas a matéria real percebida pelos sentidos, isso pouco importará. O que importa é que o conhecimento adquirido em qualquer meio, mesmo que por mera criatividade, se traduz em tecnologia, produção, bem estar e uma melhor condição existencial. O conhecimento que leva a produção, e não a produção ao conhecimento.

O que melhora os homens é seu conhecimento. A sua vontade individual supera o comunismo de ideias. Assim cada um é respeitado em sua dignidade. O conhecimento do ser é mais

importante que sua produção. Pois retornamos hodiernamente ao conhecimento por antonomásia. Assim, como em cada seis meses lançamos mais informação na rede mundial de computadores do que toda a história por outros meios, também temos em nosso ser mais conhecimento à disposição. As ideias podem não produzir nada a não o próprio desenvolvimento do espírito. O intelecto não necessita produzir, pois é produção por si mesmo. E mesmo que não signifique diretamente aquisição de propriedade de bens, na verdade descobre a verdadeira propriedade privada, que é o próprio conhecimento. Pois o conhecimento capacita para a aquisição de propriedade, e não a propriedade que leva ao conhecimento. As pessoas são independentemente de sua produção, uma vez que é o conhecimento que faz quem são. Uma vez que foi justamente o pensamento que garantiu a sobrevivência humana. Pensar foi o que levou a estratégia de caça, a semear alimentos e armazenar, a produzir mais com menos esforço na indústria, e assim por diante. Nenhuma revolução

ocorrerá antes da crítica, nem progresso sem conhecimento. O ser está destinado a conhecer, e desde seu nascimento ele procura o que é novo a si mesmo. Não é assim um ser produzido, nem está em classe determinada, mas é um ser de natureza cognoscente. Dentro de cada período histórico então ele conhece de modo a se desenvolver de acordo com a energia estelar do mesmo, em sintonia com a natureza e o Cosmos, ou de modo que faça o que está destinado a fazer.

Para a pessoa o subjetivo é real. Não se trata de mera fantasia, e menos ainda de algo inútil. Seu conhecimento então não é descartado, e sempre tem alguma importância. Por outro lado, parece que o materialismo é uma ideologia de massa, haja vista ter-se a noção de que compreende o mundo de forma grosseira, unicamente pelo trabalho braçal. Fato é que mesmo os trabalhadores mais humildes buscam o conhecimento, e pelo conhecimento têm poder. Sua força de trabalho apenas traduz a força desse conhecimento. Assim a mão-de-obra está incorporada a técnica, e esta

tem grande importância, segundo o que já foi falado na obra *A Iniciativa*. Não se trata de uma exploração do capital pelo trabalho, mas pelo conhecimento. Uma vez que a base do trabalho é a busca desse fator. A massa está então instruída. E a revolução se dá pelo conhecimento, não apenas pelo trabalho bruto. Uma vez que a humanidade começou a evoluir quando usou desse trabalho pela força dos animais e das máquinas. Conhecendo a força e energia do animal, o homem usou deste pelo seu conhecimento, economizando energia. Usando da força das máquinas, o homem usou das mesmas para produzir mais. O mesmo se diga da informática, e do conhecimento em-si. Uma vez que o ser humano evolui, o mesmo vai até a ciência, em fases que já transitaram por momento Mitológico e Teológico, como observou Augusto Comte. Porém ainda estamos envolvidos do estágio filosófico, uma vez que é o suprassumo do conhecimento. E a filosofia supera a ciência, porque é a ciência das ciências. Para tanto, não há que se falar em um ser humano trabalhador

anencéfalo, ou de um homúnculo nas mãos dos donos dos meios de produção, porque o próprio trabalhador se torna esse dono dos meios, mas dos meios de conhecimento, que levam a perfectibilização da produção.

É o conhecimento que torna algo objetivo, não a matéria. Na verdade, esta é uma probabilidade, como já provou a mecânica quântica. Desta feita, é o conhecimento que constrói a realidade e interage com esta. Na medida em que as partículas não quase caóticas, não há que se falar em um homem apenas sujeito a matéria. Mesmo porque as coisas estão em constante transformação. Como já pensou Heráclito, vemos que há um devir constante. Assim o conhecimento também está em constante mudança e transformação. Sem esse conhecimento, fica o homem em plena confusão. Esse caos ordenado exige uma compreensão cada vez maior. E na nossa era da informação, vemos que a rede mundial de computadores coloca uma panlogia a nossa disposição, sabemos que temos onde buscar algo, espécie de memória coletiva da

humanidade. Então cada vez vemos menos matéria nas coisas. Essa virtualização coloca cada vez mais o império do conhecimento em seu devido lugar. Assim existem vários níveis de consciência do que entendemos por real. A matéria é essencial, mas não parece ser por si só a base de todo saber. Mesmo porque temos na lógica e na matemática bens cada vez mais valiosos. Das suposições já fizemos viagens espaciais, descobrimos curas para doenças, vacinas e muitas coisas. Isso mostra que o ser humano leva em sua gnoseologia um contato com o mundo das ideias ou formas. O conhecimento como mostrou Minikovsky, é então um númeno. Superamos os animais quando ficamos sujeitos ao mundo que construímos, mais do que o mundo em que vivemos. É a ilusão da separação que faz com que conheçamos os objetos como exteriores, e nos afastemos da Grande Unidade. Para tanto, quando pensamos na matéria, sabemos que sua interação se revela uma rede e um holismo que está em nós, em nossa vontade e conhecimento. A harmonia e equilíbrio que leva a

maior produção está em se conhecer mais, e em se entender de modo a superar as angústias e barreiras da existência. Vivemos assim além das meras coisas materiais, porque temos talvez todas as coisas dentro de nós, em nossa alma.

É o espírito que leva ao mundo objetivo, e não este que leva ao espírito. O conhecimento é algo que funda o ser humano. É ele que transforma e revoluciona. Vemos com o crescimento do acesso ao ensino superior e uma diversidade de cursos e concursos, que cada vez mais se busca uma gnosiocracia. O Estado tem de assim em buscar uma meritocracia, levando o conhecimento e a ciência no foco de seus gestores. A sociedade tem de antes colocar o conhecimento como padrão monetário. Pois é ele que vai levar ao progresso e a evolução. Uma vez sendo esse mesmo conhecimento a única propriedade privada. E isso que leva a maior produção e a superação daquelas classes e sistemas de pouco tom democrático. Isso não se trata de uma igualdade forçada e de uma destruição da individualidade. Pelo contrário, se

deve estimular ao conhecimento de cada um, ao seu gênio. Para tanto, o Estado deve ter em seu poder pessoas de sabedoria, bem como levar em conta a produção gnoseológica para a humanidade, antes de se vender a interesses monetários. Também o monetário tem de verificar sua real origem, que foi do conhecimento. Nada mais justo que se profissionalizar o filósofo, este com cargo de honra junto ao mesmo Estado, sem necessidade de qualquer outra atividade. A divisão dos poderes foi antes uma divisão de conhecimentos. Pois é o conhecimento que leva ao poder, e não o poder que se sustenta por si mesmo. Seja o conhecimento popular (câmara baixa), seja o conhecimento elitizado (câmara alta), seja do conhecimento do executivo, legislativo ou judiciário, tudo se resume a conhecimento. O mesmo ocorre com a burguesia e o proletariado, uma vez que são apenas formas diferentes de conhecimento. Não é apenas o dono dos meios de produção, mas o dono dos meios de conhecimento. E esse saber é uma busca, não uma mera aquisição herdada. Não há

oligarquia do conhecimento, mas sim uma democracia. Também não há um comunismo, uma vez que a revolução já está no conhecer, e não em qualquer fim da propriedade privada. Porque a propriedade privada é o conhecimento, como já falei. Para tanto, o Estado deve se organizar a fim de garantir o conhecimento e sua busca a todos, em todos os níveis, mesmo até pós-doutorado ou a um estudo vitalício e gratuito.

O homem é natural, mas a natureza implica também uma dimensão ideal e espiritual, mais ampla. Disso resulta da importância da metafísica e da religião. Sabemos que grande parte das pessoas busca esse conhecimento da fé. Já pensadores como Anselmo e Agostinho de Hipona nos fizeram pensar do conhecimento dessa fé. Também pensamos na fé do conhecimento. A fé do conhecimento nos leva a pensar naquele impulso desesperador que é buscar a saída de um labirinto existencial, e sabemos que o simples material não pode muitas vezes garantir isso. Não basta ser o dono dos meios de produção para se tornar

eternamente feliz e saudável. Quando percebemos que há males incuráveis, e que apenas um conhecimento superior os leva a superar, sabemos que nem tudo pode ser comprado. A fé do conhecimento nos leva a pensar nesse conhecimento como um remédio universal. Porque o conhecimento leva a se perceber a origem dos males existenciais, e que isso não se resolve apenas com boa economia. Muitas vezes o dinheiro não pode comprar a cura de um mal, e sim o avanço no conhecimento da medicina e terapêutico que vai levar a esse desiderato. Agostinho percebeu isso e essa era uma arma contra os pagãos. O simples sucesso material não era uma resposta plena a existência. Assim, mesmo o humano sendo natural, resta que ele carrega consigo uma dimensão subconsciente e espiritual, que o leva a conhecimentos que superam a mera corporeidade. Isso não o faz anular a realidade material, mas a transforma com uma espécie de alquimia, onde o que era limitado, ganha um sentido maior. Esse sentido se mostra pelo

conhecimento, que fez o homem sair de sua condição selvagem e evoluir. A religiosidade ofereceu leis e uma ética. Para tanto, a filosofia tirou o essencial dessa ética. Sem essa fé, e uma fé no conhecimento, baseada em experiências anteriores de tribos e civilizações, não se poderia viver em sociedade. O conhecimento foi assim uma chave para que fossem superados antigos abusos, bem como uma possibilidade de se ampliar a qualidade de vida. Isso não se tratou de consequência de mera produção, ou abundância em agricultura, mas de um conhecimento que levou até esse progresso. A fé do conhecimento levou o homem a através de Deus, superar aquelas antigas muralhas das dificuldades materiais. Há assim um outro sentido na vida, que meramente produzir e sobreviver. O materialista deseja dar pouco ou nenhum valor a religião e espiritualidade, mas não pode negar que esse foi talvez o primeiro conhecimento elaborado, e essencial a humanidade. Também não é momento histórico do passado que se pode descartar, mas algo que

também evolui na compreensão, até hoje. Desse modo, a fé no conhecimento e o conhecimento da fé são ainda essenciais.

O conhecimento de dominação é aquele que está de uma certa forma hermético. Assim ocorreu com as teorias de inconsciente de Freud, com o inconsciente coletivo de Jung e com a percepção extrassensorial de Rhine. Vemos assim que desde a prática da hipnose, como era praticada já em medicina por Breuer, há a busca de um conhecimento que está oculto de nós mesmos. Um conhecimento invisível e não pensado, ao menos de forma consciente. Para tanto, vemos em doutrinas como a do subconsciente, algo que nos mostra um conhecimento no limbo, que ao mesmo tempo é conhecer e não-conhecer. Tal forma de conhecimento dificulta a manipulação, haja vista estar em faixas profundas da mente. Não se trata de algo tão epidérmico, mas mais algo energético e sutil. Para tanto, na medida em que evoluirmos nas ciências da mente, teremos uma grande economia e maior produtividade. É mais uma vez o

conhecimento que colabora com a técnica, e esta que se torna economicamente viável. Isso levará a uma maior qualidade de vida e produção, mesmo em um ócio criativo. Pelo conhecimento da sublimação e do potencial humano, seja do uso de suas forças energéticas, seja pelo treino mental, pode-se ter uma produção satisfatória. Com o advento da tecnologia e do superconhecimento que temos na rede mundial de computadores, cada vez mais o humano age de forma inconsciente e até subconsciente. Isso possibilita ter respostas intuitivas a problemas, e vencer crises econômicas ou industriais com essas habilidades, talvez pouco estudadas. O conhecimento de si mesmo e o uso de novas competências advindas do saber filosófico, ou mesmo das doutrinas da mente que vêm surgindo ao longo das décadas, levará a aperfeiçoar a produção e a modos cada vez mais democráticos de distribuição de renda. Mesmo a gestão estatal ou até industrial ficará mais igualitária, e assim cada trabalhador poderá participar das decisões que antes eram exclusivas

do patrão. O homem trabalha cada vez mais de forma automática, e vive mais. Vivendo mais, leva a sua experiência de trabalho para cada vez mais pessoas, encontrando uma eficiência maior. Isso configura um planejamento estratégico que leva em conta as partes mais profundas da mente, seja com intuição, telepatia, premonição e tudo que está ao dispor desse colaborador, que pode assim possuir uma renda mais condizente com o seu conhecimento. O saber leva a uma outra face das coisas, e assim ele será o principal mercado em um tempo futuro.

A coletividade serve apenas ao bem individual, uma vez que é uma união de bens individuais. Cada um se relaciona assim com sua metanarrativa, de modo que por fim se levará em conta a metanarrativa do mais sábio. Para tanto, vemos que não há um grupo que apenas por possuir meios de produção domina, mas há aquele que se apropria da ideia central de uma era histórica. As ideias podem não produzir nada a não ser o próprio desenvolvimento do espírito. Então, os homens não

são apenas condicionados pela produção, mas pela sua verdadeira natureza e vontade. E os homens têm histórias porque eles conhecem História. Cada vez vemos que existe uma história individual, e que há uma coletiva, e que uma não anula a outra. Sabemos que a História é a História do conhecimento. Chegamos assim no ápice da História, por conhecermos em quantidade mais do que gerações e eras anteriores, até onde sabemos. O mundo virtual tirou a limitação de nosso conhecimento, e as limitações especiais também não mais existem. Podem-se pesquisar arquivos digitalizados de qualquer local do mundo, acessar bibliotecas, acompanhar ao vivo rebeliões, mesmo à grande distância. Cada vez mais entramos numa crítica da razão cibernética. Nosso tempo então gera algo que se pode arquivar eletronicamente, e deixar a posteridade. A tecnologia potencializou as coisas e trouxe de forma miniaturizada o que antes era da proporção de um estádio. Se realiza cálculos complexíssimos com uma velocidade arrepiante. Vemos que o conhecimento colocou a produção em

outro patamar, e que ela que serviu de base a economia. Não é a máquina, mas sim uma ideia que ganha cada vez mais valor. E isso se deve levar em conta uma era histórica, e uma história que cada vez é mais compreendida de forma ativa, não como mero expectador. A manipulação da natureza é tanta que dentre logo superaremos muitos males, e teremos uma expectativa de vida sobremaneira ampliada. E a história tende a se repetir em potencialidade, e dá suas lições a cada tempo, o que pode ser usado de forma sábia, a fim de se utilizar das coisas seu favor.

Vemos pelo exposto que a gnosiologia é suficiente, que é autossuficiente, uma vez que não depende de poder ou dinheiro para se sustentar, mas que o conhecimento é uma busca existencial, e é ela a pedra de fundamento das coisas. Não se pode arquitetar algo sem ideias, e nem em uma igualdade absoluta ou fim de propriedade garantir segurança. As pessoas possuem o seu conhecimento, e é esse que deve ser seu valor, sua moeda de troca. Cada vez mais vemos que esse

conhecimento é buscado por mais pessoas, e que elas podem por ele conquistar mais bens e propriedades, e que isso se conquista com muito trabalho e cerebralidade. Também percebemos que a indústria, ou mesmo antes o agronegócio, se aperfeiçoaram pelo conhecimento, e que esse que ampliou a sua eficiência econômica. Com a era da informação notamos por fim que cada vez mais temos uma panlogia, um conhecimento de tudo, e sem reservas ou exclusões, uma vez que não desperdiçamos experiências e nem aprendizados. Conquistamos assim cada vez mais competências para viver melhor e mais plenamente, numa existência digna, valorizando cada um, em sua individualidade e gênio.

## O capital “constante”

Cléverson Israel Minikovsky

O que Marx chama de capital constante é absolutamente inconstante e mutante. O que Marx vê como empecilho à realização de mais-valia na sua pureza eu vejo como fonte de mais-valia. Porque todo o capital é variável inclusive a força de trabalho, mas não somente ela. Se um ramo de produção funciona como reprodução simples então a força de trabalho é capital constante. O que Marx chama de capital constante é a mediação necessária que se traduz nos meios de produção o que inclui a natureza, os instrumentos de produção, a matéria-prima e os materiais acessórios. O capital inteligente, ou seja, aquela massa de matéria que encarna o grau de desenvolvimento de uma civilização é o determinante na criação de valor. O trabalho é um fenômeno físico mensurável em joules. E o trabalho não é uma prerrogativa

humana. É assim que uma retroescavadeira gigante em poucas horas faz o trabalho que levaria meses para ser feito por milhares de homens com pá e picareta. O conhecimento faz o operador da retroescavadeira produzir por milhares. E por isso mesmo a retroescavadeira não pode ser vista como óbice à realização de mais-valia, mas em primeiro lugar como a promotora da criação de riqueza. A riqueza é transformação. Quanto mais transformação, mais riqueza. Muito trabalho com pouca transformação é valor escasso, pouco trabalho humano (compensado pela facilidade da técnica) e muita transformação é sinônimo de muita riqueza. O conhecimento é agente de transformação. Não há economia sem pensamento produtivo. Pensar é causar. A formação para o trabalho é o carro-chefe do desenvolvimento de um país. Um país pobre pode alcançar e ultrapassar um país rico se o primeiro investir em educação e o segundo sucatear escolas e universidades. Capitalismo é feito de conhecimento. E conhecimento é algo muito amplo. O conhecimento

é informação, mas mais que isto, é uma plataforma que produz cidadão e ser humano. Ele traz consigo uma frequência mental, uma mentalidade. É assim que a Revolução Industrial inglesa deve ser colocada como momento necessário na sequência Renascença, Reforma Protestante e Revolução Francesa. Quando Marx via comunidades vivendo em economia não capitalista dizia ele que faltava a base material para o capitalismo. O que ele não percebia é que a base material só é o reflexo da base intelectual. Em um país superequipado com pensamento pobre tudo vai à bancarrota, mas num país com mentes operantes criar as condições sobre as quais o capital opera é questão de dois toques. A emergência da Alemanha e do Japão depois da Segunda Grande Guerra são a prova do quão rápido um país pode reerguer-se com empenho, trabalho e inteligência. Marx vislumbrou em primeiro lugar o direito do trabalhador. Mas nos países em que se ama mais o trabalho e a responsabilidade mais do que o direito laboral a tendência é a alta dos salários, inclusive daqueles menos

qualificados. Muito errada é a teoria de Marx sobre o salário. O que manda no salário são duas coisas: a lei da oferta e da procura e o marco legal. De formas que nos contratos clandestinos o que é pago a um trabalhador individualmente é insuficiente para a sua manutenção e dos seus dependentes. O que manda no valor do salário de um trabalhador é a sua raridade aliada ao seu preparo intelectual. Pois ainda que um saber seja estratégico se há um excesso que a ele se dedica ele terá pouco valor. A análise de Weber sobre a influência de algo ideal como a religião sobre a expansão ou consolidação do sistema capitalista é a grande prova de que qualquer sistema de ideias pode gerar riqueza desde que seja comprometedor ou impregnante como o discurso religioso. O próprio milagre grego do século VI a. C. é resultado de uma espécie de iluminismo da Antiguidade. A sociedade grega torna-se próspera por romper com a mitologia. Da mesma forma que séculos depois a sociedade europeia iria atingir a maturidade por romper de alguma forma com o catolicismo. Confiar

mais no próprio intelecto do que na autoridade religiosa gera espírito de independência. Condição necessária para desencadear iniciativa privada e empreendedorismo. Marx disse que não se deve defender liberdade religiosa, mas que o homem precisa se libertar da religião. Não procede o argumento. O homem é um ser essencialmente religioso, ainda que sua religião seja o cientificismo, o marxismo ou o ceticismo. A liberdade religiosa é apenas uma parcela da liberdade de pensamento e expressão. A teoria econômica de Marx é uma fraude. Ela é absolutamente parcial. Aprioristicamente seleciona a força de trabalho do trabalhador como fonte do valor e pressupõe aquilo que deveria demonstrar. O valor emerge da totalidade do conjunto e não é faculdade exclusiva de nenhum elemento da cadeia produtiva ainda que ela absolutamente inexista sem o capital humano. Os pilares da economia são natureza, trabalho, capital e inteligência. Se faltar qualquer um dos quatro o lucro torna-se irrealizável. Ou, como quer Marx, a mais-valia torna-se irrealizável. O demérito

do marxismo é tirar do ser humano sua responsabilidade. Sartre é mil vezes mais coerente do que Marx. Porque para Sartre, se Deus não existe, tudo depende de nós. Para Marx, não, a culpa não é nem dos capitalistas, mas das estruturas. Sataniza-se sabe Deus o quê! O marxismo é uma teologia sem sataná. Todos e ninguém é culpado. Enquanto que no cristianismo o justo morre na cruz o marxismo prega na cruz seu inimigo, mau e perverso, que é uma enteléquia. Marx não se dá conta, mesmo sendo genuinamente judeu, de que todos os dias de nossa vida há um exército em nossa retaguarda e o Mar Vermelho diante de nós. O que fazer? Revolução? Política? Murmurar? Nada disso, apenas marchar. Mas Marx quer o céu aqui e agora, ele não reconhece que o deserto é inevitável. Numa coisa Marx está certo: na ideia de beligerância. Mas ele luta contra o inimigo errado. Temos de lutar contra nós mesmos, contra nossa natureza carregada de instintos. O inimigo não está fora, mas dentro de nós. A vida é uma luta. Mas é a própria dialética que ensina que

a antítese é o não eu que em última instância saiu do próprio eu em si. Temos como grande desafio a aceitação de nós mesmos. Não é fácil para o homem aceitar sua natureza decaída. Sendo limitados gostaríamos de ser ilimitados. O que escrevo não é aceito pelos filósofos da linguagem, pois eu estaria trabalhando com uma linguagem enfeitiçada. Mas um padrão de linguagem só pode ser abalado por um discurso que sintonize no mesmo dial. Os lutadores precisam lutar com paridade de armas. O conceito de mais-valia é tão ruim quanto o de inconsciente. Mais-valia é inconsciente foram diabólicas expressões que cunhamos para poder em cima delas erigir nossos pretextos. Quando Freud fala em inconsciente está apenas constatando que a humanidade de seu tempo estava carente de conhecimento. Enfim, Freud fala do não-conhecimento. E ignorância se combate com conhecimento. Estás neurótico? Leia um livro, pesquise, escreva, esforce-se para compreender. O impotente que procura um psicanalista é como alguém que entrega o relógio

do seu pulso a um guru e sempre pergunte a ele que horas são. Faz sentido? Não, não faz sentido algum. Um autor que une catolicismo, marxismo e psicanálise tem tudo para ser um fenômeno editorial. Longe de mim vender-me em troca do vil metal. O filósofo tem compromisso com a verdade e não com a boa vizinhança. O que acontecerá a este escrito? Será lançado à crítica roedora dos ratos? Sim, é isto mesmo. Porque o Brasil é uma pátria de vendidos. Valoriza o estrangeiro e a prata da casa é desprezada. Só num terra muito medíocre é que tanto se insiste na famigerada “humildade científica”. Vá para os diabos a tal humildade. Eu quero ser um pensador e não um monge. Porque os alemães podem escrever obras com títulos pomposos como O Capital ou O Anticristo e nós precisamos ser sempre os humildezinhos, os infantis, os que repetem mas não pensam nada por si mesmos? O Brasil é e continuará sendo uma nação de crianças enquanto não alcançar a maturidade do pensamento filosófico. A característica do pensamento filosófico é que

embora ele se insira numa tradição, é original e pioneiro. Ele abarca a totalidade e é exauriente. Ele não pede licença, não se curva aos poderosos, tem aversão à humildade e a nada se incardina a não ser à sua própria ideologia. O que a civilização grega fez há 2.400 anos o Brasil, passados quinhentos anos, não conseguiu fazer. Até quando? Só chegaremos à maturidade filosófica quando o letrado for a regra e o analfabeto funcional a exceção. É a procura que gera a oferta. Se o leitor brasileiro buscasse um pensamento filosófico brasileiro sobriariam filósofos em todos os rincões. Mas a decadência da conversação, da audição e da visão tem prevalecido sobre o discurso solene. Voltemos à famigerada “humildade científica”. Cientificamente falando a palavra “humildade” é uma palavra vazia de sentido e absolutamente inútil. Ou bem se é um cientista ou bem se é um humilde. Não é possível viver ambas as dimensões ao mesmo tempo. Eu optei por ser cientista. O marxismo é a grande teoria que invalida a si mesmo. Como pode pretender o marxismo ser uma

crítica à sociedade capitalista se a superestrutura é reflexo e confirmação da infraestrutura? O que Marx põe em movimento é antípoda da sua epistemologia. O marxismo é uma contradição performativa. Ele diz exatamente sobre aquilo de que não se pode falar segundo ele mesmo. Para Marx o pensamento é resultado, mas ao fazer esta afirmação pose de figurão e de livre-pensador. Para Marx elaborar sua visão de mundo ele escreve como se estivesse em outro planeta. É como se ele dissesse que a visão dele é totalizante, mas ele próprio fica de fora de sua visão de mundo. O que seria Marx? Um burguês? Um proletário? Nada disso, ele foi um guru, um ser avesso às estruturas capitalistas. Marx foi uma mosca branca quando sua teoria dizia que todas as moscas deveriam ser pretas. Como pensar a um só tempo em dialética e sociedade comunista duradoura? É como digo, o marxismo é autofágico. Como falar em “homem total” e negar a religião? O marxismo é muito mais alienante do que o capitalismo. Porque o marxismo faz o homem se sentir explorado e mal consigo

mesmo. A consciência de classe é fator de rebaixamento da autoestima. Ninguém é alienado até descobrir-se nessa situação. Assim como não havia nudez no paraíso, não obstante a ausência de indumentária, antes do pecado. O marxismo é uma mentira que se apresenta como verdade. Mais-valia é realidade, mas o processo não ocorre tal como foi teorizado de inteligência do que do trabalho. Aliás, a evolução do homem consiste cada vez mais nisso: poupar o corpo e cobrar do intelecto. Marx é como a parteira que está com o bebê recém-nascido nas mãos e só fala da morte do ancião que aguarda aquele que um dia ficará alquebrado pelos muitos anos. Se a Idade Média durou mil anos porque o capitalismo iria naufragar em poucas décadas? A força de trabalho é um elemento da cadeia produtiva. É certo que se trata de um elemento especial na medida em que é dotado de sentimento, afeto, inteligência, desejo, vontade, família, paradoxos existenciais, aspirações filosóficas e espirituais. Justamente por esse elemento ser tudo isso merece tratamento digno e

diferenciado. Mas o ser humano evolui quando sobre seus ombros é posta responsabilidade é não quando é brindado com paternalismo. O nível de exploração da sociedade inglesa da época de Marx sobre a classe trabalhadora é injustificável. Mas isto é página virada. Hoje as mais altas taxas de exploração sobre a força de trabalho ocorrem justamente nos países que se dizem socialistas. Se eu não estivesse numa democracia capitalista dificilmente poderia escrever estas páginas ou aprimorar meu pensamento de modo que venho fazendo. Marx diz que as ideias dominantes de uma determinada época são as ideias da respectiva classe dominante. Em certos tempos e lugares o marxismo foi o pensamento dominante, mas o capesinato e o operariado nunca foram a classe dominante. O socialismo sempre foi um movimento de elite, de intelectuais. As massas são incapazes de se autorregular, de se auto-organizar e de autoarticular-se. Marx transforma a História numa engrenagem que impreterivelmente caminha para a sociedade sem classes. Mas o que se viu em todo

o mundo foi o socialismo implantar-se à custa de muita militância e de muito doutrinamento. Em nenhum lugar do planeta surgiu o socialismo de forma espontânea. Aliás, se o socialismo realmente fosse um fenômeno social espontâneo Marx e Engels nunca teriam escrito n'O Manifesto do Partido Comunista "proletários de todos os países, uni-vos!". O capitalismo de O Capital é o capitalismo na sua pureza. Mas capitalismo no mundo empírico nunca é puro, mas sempre mesclado com outros elementos. E dentre estes elementos eu destacaria o conhecimento como o primordial. O capitalismo é filho do cientificismo. Não parece estar próximo o fim do paradigma cientificista. A ciência é um fenômeno gnosiológico que veio para ficar. O que irá acontecer será mudança dentro do bojo da própria ciência. Isto significa que continuaremos sendo capitalistas, mas o que irá ocorrer é mudança dentro do próprio capitalismo. Ciência e capitalismo são racionalização e racionamento, respectivamente, de experiência e de recursos materiais. São faces de

uma mesma moeda. Iluminismo aplicado ao estudo é ciência e Iluminismo aplicado à atividade produtiva é capitalismo. O socialismo é filho do Iluminismo conquanto não passe de um capitalismo de Estado. Assim como os gregos eram filósofos e o cristianismo forçou um retrocesso à religião proporcionando uma síntese filosófico-teológica, assim também somos servos da ciência e haverá um retrocesso à filosofia e está por vir uma síntese científico-filosófica. Marx e Engels comparam a propalação do socialismo com a expansão do cristianismo. Ora, então eles estão admitindo que discurso socialista é discurso religioso. Além do mais, no ano 100 d. C. já se dizia que o cristianismo estava descaracterizado. Ora, isto já era uma prévia do lixo que o socialismo iria se tornar nas mãos de terríveis ditadores. O marxismo se tornou realidade social, instância de poder, plataforma de civilização, mas ele nasce em primeiro lugar dentro do cérebro e do gabinete do senhor Marx. O socialismo científico é ciência. Sim, ainda que ciência de má qualidade e hoje completamente

obsoleta. O materialismo histórico é uma teoria científica. E neste sentido o materialismo histórico solapa a si mesmo. Porque ele diz que tudo depende do modo como ganhamos a vida, mas esta própria concepção só vem à lume na cabeça do cientista social. Marx e Engels utilizaram a noosfera para dizer que ela não era importante. É como eu escrever um tratado em língua inglesa para dizer que a língua inglesa é algo desimportante. Ou então escrever um compêndio acerca da inutilidade da grafia. Nesta aporia metem-se Marx e Engels. O mais incrível de tudo é que a teoria da pouca valia do conhecimento redundou em uma série de revoluções em torno do mundo. As teorias que mais movem o mundo são as mais contraditórias. É assim que o cristianismo se expande ordenando amor ao inimigo e o budismo dizendo que a realidade é uma ilusão. O ser humano quer e sonha com um conhecimento profundo da realidade. Ele não busca algo superficial, mas uma metanarrativa. isto é, um conjunto de representações de mundo que

ultrapasse a película duríssima do fenômeno tal como se exhibe nos lugares-comuns. E o marxismo, a seu modo, preenche esta lacuna. Quem não tem religião espiritual tem religião cívica e o marxismo está dentro disso. No processo de desencantamento do mundo a própria religião, para subsistir, precisa se transformar em ciência. E o kardecismo e o positivismo estão dentro disso. Ou a religião torna-se ciência ou a ciência torna-se religião. O judaísmo e o cristianismo são as mais honestas das religiões: elas deixam claro que sem o salto da fé não se chega a lugar nenhum. Mas com as novas religiões e com o marxismo tudo muda: os princípios basilares das doutrinas são tomados como postulados científicos autoevidentes, o que não passa de um artifício que precisa ser desmascarado. A ciência está mais na forma do que nos fundamentos. Porque quando o assunto é fundamento todos os saberes, sejam teológicos, filosóficos ou científicos estão na areia movediça. Tudo o que sabemos aprendemos de trás para frente. Nossas mestras são as

consequências. Não conseguimos conhecer algo pelo começo até chegar no final. Começamos a perceber o erro ou o acerto quando já é tarde. Daí a importância de se considerar a experiência alheia antes que nos arrisquemos. Marx conseguiu ver o lado ruim do capitalismo, mas jamais vislumbrou que o remédio recomendado fosse pior do que a doença. O marxista é alguém que se coloca no ponto de vista de Marx. Mas não é a humanidade que tem de se dobrar ao gênio, pelo contrário, o gênio é um serviçal da humanidade. Por falar nisso, o erro comum e genérico de todo filósofo, e eu mesmo estou dentro disso, é tentar trazer o outro para o meu ponto de vista quando a receita do sucesso recomenda o contrário: entrar no ponto de vista do outro e com ele concordar, ajudando-o a atingir suas metas e não as metas próprias. Qual a missão do socialismo? Ser governo ou construir uma sociedade justa? Porque se o critério for a justiça social é melhor entregar a administração da coisa pública aos capitalistas civilizados. Digo civilizados porque devem pensar também no povo e

não só no interesse de suas empresas. Não diria socialistas civilizados porque se se trata de socialista, automaticamente se trata de algo que não funciona direito. Precisamos de uma política de centro. E se o centro é pouco representado isto se deve em grande medida por faltar uma teoria desenvolvida focada no centro. O centro é a classe dos que mais pensam, é a classe média. Mas a classe média é rotariana, ela é altamente profissional, mas vê a si mesma como agente de transformação social calcado no filantropismo. Como não tem as privações da classe trabalhadora e nem paixão por dominar como a classe alta limita-se a ser gestora do Município. Não é fácil ser teórico da classe média. Porque os seus desafios são médios. Só uma situação de extremismo dá conta de produzir uma teoria radical. É neste sentido que de certa forma o quarto estado tem sua base teórica mais consistente do que a burguesia. A teoria é o vapor da panela de pressão. Se não há pressão interna não há extrusão teórica. A Inglaterra da Revolução Industrial pode ser

comparada a uma grande câmara de compressão. Com efeito, foi um período de produção teórica sem antecedentes. Hoje se produz mais teoria do que no século XIX, mas o que escrevemos hoje ainda em grande medida é reflexo dos primórdios do capitalismo e dos impactos mundiais causados pelas Duas Grandes Guerras. Há gente em cada esquina pensando, refletindo, meditando e escrevendo livros. E o grande problema é o desconhecimento recíproco. As editoras referenciam poucos autores e tudo gira em torno deles. Mesmo os autores denominados alternativos estudam, esquadrinham e decompõem os clássicos. Não se consegue mudar o eixo da discussão. Penso que no mundo da noosfera deveria haver uma troca entre o que é pensado no centro e o que é pensado na periferia. Os bastidores da história são muito mais os silenciadores de muitas vozes do que o microfone destes ou daqueles. O homem mais revolucionário do mundo padece vida e morte no anonimato se não for calçado por fatores extracognitivos. Esta é

uma das grandes barreiras relativas da produção de conhecimento. Mas de acordo com Hegel, Marx e Engels existe a linha nodal. Dois ou três traços podem passar despercebidos. Mas a luz não se coloca debaixo do alqueire. De que valeria o sal se não mais salgasse? Assim é a teoria cujo condão é instigar o ser humano à reflexão. O gnosiologismo histórico, como toda outra grande teoria, crucifica a si mesmo pelo paradoxo em que se mete. Ele é coerente por ser uma teoria que valoriza a teoria, por ser um conhecimento que valoriza o conhecimento, mas o conhecimento quase sempre trata de outra coisa que não o conhecimento. Nada impede que haja o conhecimento pelo conhecimento. Mas em função desta inaplicabilidade prática imediata poucas pessoas nutririam interesse por tal abstração, razão pela qual ela deve ser matéria de estudo apenas para aqueles que estão nos níveis mais elevados. O gnosiologismo histórico tem os mesmos méritos e os mesmos defeitos de todos os outros sistemas e correntes filosóficos. O mérito do gnosiologismo

histórico é fazer o que ninguém vinha dando conta de fazer: captar o espírito do momento. Ao contrário do que se costuma ensinar nas escolas, no mundo antigo a escrita era usada por pessoas comuns, para contratos, cartas e recados e não era prerrogativa exclusiva de sacerdotes. Posteriormente, com o arruinamento das estruturas sociais é que surge a teocracia e, esta sim, iria monopolizar o conhecimento. O conhecimento, como a economia que tem crescimento, expansão, euforia, crise e estagnação, também passa por reveses. A noosfera, de quando em vez, dá marcha à ré, ainda que se trate sempre de fenômeno isolado e não generalizado. A queda do Império Romano foi a queda do conhecimento militar, a queda do conhecimento burocrático, a queda do conhecimento jurídico e filosófico. Ela mostra que todo processo civilizatório é uma troca. Não é fácil inculcar latinidade no bárbaro. A velocidade exagerada da expansão pode pôr a perder toda a energia do conjunto comprometendo o âmago do processo civilizatório que no caso em tela,

geograficamente falando, era Roma. A sociedade medieval é esta miscelânea de germanidade e romanismo que teve como metanarrativa o cristianismo, maximamente importante no processo de acomodação social e civilizatório. Toda noosfera - e isto vale para a religião e para a ciência – tem a natureza de revolucionar continuamente a vida das comunidades e de fazer a poeira assentar. É mais ou menos como agitar uma caixa repleta de detritos leves que quando disposta em repouso faz todas as partículas voltarem exatamente para onde estavam. Marx é o Lutero da economia. Ele mostra que assim como Roma perde o poder pelo abuso do poder, o mesmo acontece com os dirigentes do capitalismo quando se prevalecem de seus superpoderes. Nisto, exatamente e somente nisto o marxismo é válido: como modo de mostrar que as coisas podem ser diferentes. Que o máximo exercício do poder gera seu antônimo. O Brasil está passando por um momento de profunda contradição social. Ao mesmo tempo em que diversas políticas sociais estão sendo implantadas

há um problema que não se resolve e ainda cresce. É o problema do agigantamento do Estado e do seu custo. A despesa estatal cresce mais rapidamente do que o Produto Interno Bruto. É assim que este modelo faz com que nos Estados Unidos da América um produto custe um terço do valor real pelo qual é vendido no Brasil além de o cidadão ianque ter um salário muito melhor do que o brasileiro. Esta contradição mostra duas coisas: o inchamento da máquina pública e a corrupção que consome divisas da nação. se for para mudar o estado de coisas pela força do voto precisaremos melhorar em muito a nossa educação. Numa época em que para rodar 5.000 jornais a off set não necessita mais do que 14 minutos somos autorizados, no mínimo, a deduzir duas coisas: em primeiro lugar que as máquinas cada vez mais farão nosso trabalho e que a força de trabalho será cada vez mais relativizada e, em segundo lugar, que nunca antes de nós a humanidade conseguiu levar tão rápido e a tantas pessoas cultura, informação, ideias, valores, ideologias e todo modo

de pensar. Muito conhecimento e pouca força braçal, este é o nosso tempo. Foi-se o tempo da mão-de-obra. Vivemos a época da cabeça-de-obra. E isto é tão real que, por incrível que pareça falta mão-de-obra. É uma tendência que cria seu reverso. Todos foram para os bancos universitários e faltam carpinteiros, pedreiros, encanadores e eletricitas. Quando há pouco tempo faltava quem fizesse manutenção de computadores uma multidão foi para esta área. E hoje são poucos os prestadores de serviços que conseguem faturar alta com manutenção de equipamentos de informática. No lugar da manutenção prevalece o ramo da compra e venda. Pois quando a máquina fica avariada prefere-se comprar uma nova do que consertar a velha. Até porque as tecnologias da informação são as que mais rapidamente ficam sucateadas. Como diria Max Weber, o caminho do homem de conhecimento é ser superado e ficar para trás. O conhecimento é irônico. Desbanca as autoridades, volta-se contra si mesmo. Nada poupa, nada perdoa, tudo revoluciona e tudo

transforma. O conhecimento é ígneo, é dinâmico. Ele não se cansa de se autorreciclar. Há só uma maneira de conferir durabilidade ao conhecimento: quando ele se apega às instituições. As instituições são essencialmente conservadoras. É curioso que uma teoria revolucionária como o socialismo científico hoje seja alvo de cuidados conservativos. Existem vários institutos no mundo que têm como objetivo a conservação e reprodução do marxismo. E muitos deles ficam em países capitalistas. O marxismo apregoou o fim do capitalismo, mas depende de personalidades jurídicas burguesas para resistir ao tempo. Que piada, que paradoxo. O marxismo se tornou exatamente isto: um credo, uma religião, uma postura filosófica equiparável ao tomismo ou ao personalismo. As premissas do marxismo são tão indemonstráveis quanto as premissas de qualquer outra corrente filosófica ou quanto as premissas da pior e mais absolutista religião. Marxismo é credo com aparência de ciência. O marxismo, assim como a filosofia, nasce do espanto. Mas enquanto os gregos se

espantavam com as contradições do mundo físico, Marx se espanta com as contradições do mundo social. E Marx erra na receita justamente porque erra na abordagem. Marx foi tendencioso e parcial. Ele finge ser refém de um método lhan e neutro, mas uma leitura mais profunda mostra que tudo o que ele escreve é feito de trás para frente. Desde a primeira linha de O Capital ele já sabia a que conclusões chegaria. Já disseram isto e eu endosso: as melhores abordagens marxistas são abordagens de fracassos. Mas apurar o erro ou sua causa é coisa grande. Porém, o que se deseja é chegar à fórmula do sucesso. Dizem os marxistas que, e Saramago está dentro disso, o marxismo decepciona porque promete muita coisa e acaba não cumprindo enquanto que o capitalismo simplesmente diz: o mundo está aí, vire-se! Ora, por que é que alguém tem de prometer alguma coisa para mim? Os Estados capitalistas são os que menos prometem e mais fazem. O nosso país só poderá fazer alguma coisa por nós se antes disso nós fizermos alguma coisa por ele. O

marxismo ensina o poder que o conhecimento tem e o quanto é arriscado misturar ciência (economia) com ideologia (justiça social). O coração do homem tem razões que a própria razão desconhece. Ele tende irracionalmente para este ou para aquele lado. E a teoria é uma ideia pronta, uma noção preconcebida. As pessoas vestem o existencialismo, o marxismo ou a seicho-no-ie como aquele casaco que encontra na loja e por acaso dá certo com seu manequim. E o sujeito fica ideologicamente fantasiado com aquele discurso até que se lhe ofereçam uma peça mais atrativa. E nós brasileiros que defendemos Marx somos como aqueles indigentes que recebem das instituições filantrópicas blusas e casacos vindos da Alemanha porque seus donos os iriam jogar fora. Exatamente isto, não tem o que pôr ou tirar. O problema não é a produção, o problema é a propriedade privada do conhecimento. O marxismo é como aquele faminto que olha para um compêndio de astronomia e lê “gastronomia”. Não ocorre a Marx que o problema não está no capitalismo, mas num tipo de

capitalismo. Marx saiu fugido do curso de direito. Que pena! Porque se ele tivesse perseverado descobriria que o direito é um ramo autônomo e tem poder de domesticar as relações econômicas. É muito melhor viver numa sociedade capitalista servida de uma boa legislação trabalhista a viver num país comunista em que o Juiz Trabalhista é capacho do Estado conquanto juiz da causa e demandante são ambos dependentes do Estado. O Judiciário dos países comunistas não tem independência nenhuma em relação ao Executivo. No comunismo se forma um bloco monolítico Estado-Partido Comunista-Conhecimento-Cultura-Mídia-Exército. Exatamente o mesmo que ocorre no capitalismo, mas no comunismo a ditadura é mais forte. Não existe sistema social sem controle social. Todo sistema de ideias, aliás, tem como meta controlar pessoas. Mas o nível de controle das pessoas em países comunistas é extremo, verdadeiramente policialesco. A sociedade aberta, para usar uma expressão de Popper, fomenta mais a produção de conhecimento. Porque o

conhecimento e seu processo de produção requerem liberdade e até uma certa anarquia para se consolidarem. Nada pode tolher a espontaneidade da empiria. O mais belo do conhecimento é que ele sempre fica como legado. Acabar com o direito hereditário não é ir contra o capitalismo apenas, é ir contra a própria natureza. A espécie faz continuamente este trabalho de passar a informação genética aos descendentes, inclusive aquelas agregadas pela variabilidade ocorrida pela fusão cromossômica. Ter de começar tudo do zero a cada geração é desperdício de tudo: de economia, de inteligência, de experiência, de vivência. A lei da vida é esse “heredes”. Como é duro a um homem pôr-se no mundo sem um empurrão dos antecessores. Só mesmo o terrorismo marxista para banir Confúcio da China. Mas ele está voltando com força total. Porque Confúcio sempre foi e sempre será mais do que Marx e quejandos. O marxismo pode ser encarado como omissão dos cristãos. Porque se cristianismo sempre tivéssemos vivido jamais haveria espaço

para o marxismo. O marxismo só recebe oiças em um mundo decadente e decaído. O marxismo prospera onde o conhecimento é apenas meio (de obter lucro) e não um fim em si mesmo. Onde se desenvolve o conhecimento livremente não sobra espaço para ódio entre irmãos. O brasileiro pobre e o brasileiro rico têm mais coisas em comum do que imaginam. Mais que mescla de sangue português, afro e tupi, mais que o belo idioma português, mais que o mesmo querido torrão. É como se estivéssemos dentro da mesma nave. Se a nave se desgovernar não esta ou aquela classe, mas todos nós estaremos perdidos. Quem é liderança deve saber que não há razão para sufocar novas lideranças e quem está entrando na elite agora deve referendar os veteranos. É de grande valia a política afirmativa em favor da mulher, do negro, do índio, do drogado, da prostituta, do homossexual, mas nossa sociedade não se divide em custas castas como na Índia, a seriação social é essencialmente econômica. Não há problema que hajam ricos, o que não pode haver são os

miseráveis. Acertada a filosofia do PT nacional “país rico é país sem pobreza”. Não temos que expropriar os ricos, temos sim, que melhorar as condições de vida dos empobrecidos, excluídos e desvalidos. O Brasil, não fosse o inchamento da máquina pública e a corrupção, seria o melhor dos mundos possíveis: economia capitalista e Estado promotor de políticas inclusivas para contrabalançar. Muitos líderes mundiais conquistaram as massas em prol de muitas causas. E quase sempre um item da pauta é a educação. Mas para nós a educação e o conhecimento não são lados possíveis, pelo contrário, eles abarcam todos os lados. País que investe em educação resolve o problema educacional e todos os demais problemas. A escola forma o engenheiro, o bom político, o economista, o empresário, o técnico e toda mão-de-obra qualificada e toda a consciência cívica e cidadã. A educação é o começo, o meio e o fim. As pessoas instruídas e lidas são mais responsáveis, mais pontuais, mais engajadas e mais participativas. A escola forma agentes de

mudança. O Brasil é um país que não cresce mais por falta de competência. Precisamos nos capacitar, precisamos adquirir habilidades. O conhecimento é tão mais importante do que uma ideologia que, em se encontrando a cura de determinada doença, é possível promover o bem estar de um grande número de pessoas, o que supera a política pública de natureza vária. É assim que cito a insuficiência renal, o infarto, o diabetes e o câncer. Banidas estas doenças a expectativa de vida do ser humano seria superior a cem anos. E tudo isso depende de pesquisa e estudo. O máximo que o governo pode e deve fazer, que é também o mínimo, é fomentar a pesquisa. O conhecimento deve ter como um de seus papéis, uma vez que o colocamos como base de tudo, organizar e zelar pela funcionalidade social. E isto nos leva à reflexão de que o preso comum é pior inimigo da sociedade do que o preso político. E geralmente as coisas são tomadas ao contrário. Pune-se com a morte o preso político e se é complacente com o preso comum. Pena de morte aos irrecuperáveis! O

preso político deve ter direito a um processo penal mais lento, melhor instruído, exaurientemente assegurados o contraditório e a ampla defesa. O preso irrecuperável deve ter um processo mais célere e que assegure apenas o mínimo suficiente a quem é sabidamente culpado. Crimes culposos devem ter a marcha chamada “normal”. Tão importante quanto promover a mudança é fazer isto de uma maneira confortável e não traumática. É altamente discutível o emprego da violência no processo de transformação social. Por exemplo, se o problema é o preço do combustível, o que resolve quebrar de lojas e agências bancárias ou incendiar ônibus? Não há nexos etiológico entre uma coisa e outra. O que precisamos fazer e que efetivamente não fazemos é fiscalizar os que elegemos. E caso a vitória nas urnas privilegie o nosso rival partidário isto não nos tira o direito legítimo de cobrar dele diligência na coisa pública. Em tempos de grande mídia como a em que vivemos não se justifica bastidorismo da atuação de parlamentares e executivos. O problema vai desde o financiamento

de campanhas que torna nossos políticos capachos dos ricos, e com eles toda a nação, até a atuação após a investidura e empoderamento. Somos uma nação de leigos. Somos vítimas de um leiguismo que inquina até os patamares mais altos da formação acadêmica. De maneira tal que professor universitário bem sucedido é o carismático e brincalhão e não aquele que domina o conteúdo. E o populismo que se vive na academia, ou melhor, até mesmo na academia se alastra a todos os ambientes. Esse lado excessivamente afetivo do brasileiro traduz a influência afro no Brasil, predominantemente límbica. Recordo apenas que as culturas mais bem sucedidas são neocorticais e não límbicas. Bem acertada a teoria de Daniel Goleman de acordo com a qual a inteligência e a emoção são dois fenômenos inseparáveis e trabalham sempre e necessariamente juntas. O ensino, ainda que preconize o lado cognitivo do ser humano, prepara não só para a execução de tarefas, mas também para o modo como tratamos as outras pessoas. É por isso que a revolução do

conhecimento abarca a revolução da emoção. O marxismo falha também nisso: ele defende a estimulação de várias emoções altamente negativas: a cobiça, a inveja, o ódio, o revanchismo, o ciúme, o complexo de inferioridade, a inimizade. Não entende Marx que semeando este tipo de semente a lavoura se perde tanto para A quanto para B. nisso Hitler estava certo! Em alguma coisa ele defendia que o operário alemão deveria fazer ginástica, primar pela saúde e pela higiene e deveria andar bem vestido e asseado. Não é andando maltrapilho que alguém irá conseguir alguma coisa. Quando a pessoa ajuda a si mesma fica mais fácil ajudá-la. Nada pior do que tentar ajudar a quem não ajuda a si mesmo e nem quer ser ajudado. O socialismo peca também nisto. Trata os homens igualmente. É um erro distribuir tratamento igualitário. Quando o sujeito é mais aplicado e mais organizado temos maiores razões para tratá-lo de melhor forma. O problema do capitalista é quando seu sistema meritocrático não permite que o marginal adentre no centro.

Entendemos que mesmo que uma pessoa ou grupo de pessoas tenham sido relapsas a vida inteira, elas têm o direito de dar uma guinada na vida e viver como vivem os organizados. Não há mal em haver classes sociais. O mal é quando elas se estratificam, se sedimentam e perdem a flexibilidade de maneira que tudo trava estaticamente. Deve haver algum modo de um não prestigiado atingir o prestígio. Entendemos que um desses meios é o próprio conhecimento. O conhecimento deve tirar o marginal da marginalidade e guindá-lo ao mais respeitável patamar social. Outro meio de ascensão social deve ser o trabalho árduo combinado com poupança. E por isso é imprescindível que o salário cubra a subsistência do trabalhador e de sua família e que ainda remanesça um excedente conversível em entesouramento. Outra via deve ser a política: de modo que a carreira pública traga à existência aquele que galgou popularidade junto às massas. O conhecimento pode não deixar ninguém milionário – embora em alguns casos ele até possa

fazer isto – mas quem é perito em seu ofício fome não passa. Marx não percebeu que a acumulação do capital passa pela acumulação do conhecimento e que não há regra mais eficiente para distribuir renda como distribuir conhecimento. O conhecimento não é algo que se aprisiona dentro de uma grade curricular. Os cidadãos precisam estudar assim como os atletas costumam fazer ginástica. Tem de ser diário, tem de ter uma mística. O estudo é semelhante a uma espiritualidade. O conhecimento é o encontro do homem consigo mesmo. E este “consigo mesmo” tem dois lados: o leitor/estudante se reconhece como parte do objeto cognoscível e com o autor da obra, e vê o seu eu projetado no bem cultural. Marx diz que a jornada de trabalho deve diminuir, que os salários devem aumentar, mas não diz o que fazer com a pleora de tempo e dinheiro. Nós respondemos: deve acumular e produzir conhecimento. Porque um tempo livre mal aproveitado pode ser até pior do que um dinheiro mal empregado. Alan Kardec fala que a

desigualdade social seria injustificável se existisse só uma vida. É verdade, o mundo material traduz o mundo espiritual. E o crescimento do espírito depende do nosso padrão de comportamento no mundo empírico. Expropriar o burguês é negar o próprio carma, é querer burlar o mundo espiritual que por sobrenatureza é imburável. Marx quer que o operário se liberte continuando ser operário. Mas o que defendemos é que quando o operário se torna o melhor dos operários ele é guindado a um grau de maior responsabilidade como a chefia ou supervisão. Pois se é diligente consigo mesmo o será com os demais. O que Marx propõe é como se as crianças quisessem mandar no mundo sem largar sua infantilidade, sua imaturidade e os tiques da pouca desenvoltura. Como diria Bill Gates, você não terá uma sala com mesa, telefone, computador e internet antes que tenha condições de adquirir tais coisas com o seu próprio dinheiro. O PT só conseguiu para si o Governo Federal quando descobriu que as dívidas do país deveriam ser pagas, que não se pode dar moratória e nem elevar

exorbitantemente o salário mínimo. O PT adquiriu a noção de que tudo precisa sair de algum lugar, a começar pelo dinheiro de campanha. Conhecimento não é algo tântrico, embora tantrismo também seja conhecimento, mas algo próximo e inseparável das atividades humanas e do cotidiano de todos nós. Marx escreveu que o judeu não poderia ser emancipado enquanto o Estado fosse cristão e enquanto ele próprio fosse judeu. Um seria incapaz de outorgar e outro seria incapaz de receber. O que Marx não percebe é que o proletariado não pode ser governo enquanto continuar sendo proletário. A prova disso é que em todos os países socialistas as altas instâncias são ocupadas por intelectuais e não por operários e agricultores. A classe operária nunca foi uma classe revolucionária. Ela apenas foi usada para tais fins. Quando um operário revoluciona a sua vida o primeiro passo que toma é deixar de ser operário. O acadêmico que cultiva o marxismo na academia é como um poetzinho que escreve versos num caderno que nem seus amigos leem. Não foi por

acaso que Marx na sua juventude foi poeta e romântico. Do ponto de vista estritamente racional o marxismo é insustentável. O capitalismo quer sua cabeça, o marxismo quer seu coração. Eu ajo racionalmente. Como observaria Weber a ação ou é política, ou tradicional, emotiva ou racional. O marxismo é uma ação emotiva. Mas o marxismo é vazio como um fantasma. O bom marxista não dá esmola e nem pratica caridade. Ele prefere ver se agudizarem as contradições do capitalismo para que a revolução estoure antes. Ou seja, o marxismo ama o homem abstrato e odeia o homem concreto. É uma antropologia misantrópica. Não é por acaso que o socialismo seja o partido dos intelectuais: intelectual não gosta de gente, gosta de papel. Uma coisa está relacionada à outra mas não é exatamente a mesma coisa. Os intelectuais não fumam, eles comem tabaco. Isto traduz a sua ansiedade, a sua angústia e obsessividade. O próprio Marx disse do seu Capital que não pagaria nem os charutos que ele fumou enquanto o escrevia. Embora o marxismo seja uma coleção de

teses muito ruins é de se reconhecer que há toda uma literatura, pró, contra, após, ao lado e sobre Marx e os seus defensores. O que não funcionou e nunca funcionará na prática é lenha para a discussão acadêmica. Questão de época tal como foi o debate entre os gregos pagãos e os cristãos. É realmente uma pena que o cristianismo tenha deixado de ser aquele acordeão que abre e fecha e que emite som. Precisamos reabilitar o cristianismo. O cristianismo é um tipo de conhecimento muito mais útil do que o marxismo. O cristianismo é o miolo do processo universal de humanização e civilização. Mesclar cristianismo e marxismo é como jogar areia dentro do melhor vinho que ficou guardado até agora. É bem verdade que o cristianismo não é nem socialista e nem capitalista, ele é uma terceira coisa. Mas na prática não há como ser só cristão. Nossa natureza exige de nós que estejamos inseridos num modo de produção social. Independente de onde se está o cristão é convidado a ser fator de mudança ou, como dizem as Sagradas Escrituras, “sal da terra e luz do

mundo”. Tão importante quanto o conhecimento é, outrossim, o que fazemos com ele e como o processamos. Os livros que escrevo não são livros de conhecimento. Diferentemente disso, são livros de processamento de conhecimento. O que escrevo é uma autoavaliação, é uma tomada de consciência. Penso que este tipo de serviço serve não só para mensurar o intelecto do redator, mas para fazer um feedback de nós mesmos enquanto humanidade. É claro que o limite do conhecimento é ele mesmo, assim como Marx constata que o limite do capital é ele mesmo. Li bem mais de 10.000 livros mas este é um recorte muito pequeno quando paragonado com o todo. O escrito do autor é como o brilho de uma estrela: quando ele chega em certas galáxias a estrela não existe mais, mas a luz emitida por ela continua viajando no seu ímpeto. Isto somos nós: poeira estelar, e nesta qualidade, somos premiados e padecemos com suas características. Filhos de Abraão, filhos da promessa. O que é um grão de areia na orla da praia, isto é o homem no universo. O conhecimento

é a tomada de consciência de todas as nossas grandezas e de todas nossas pequenezas. Em que pese a ditadura do proletariado como etapa mediana e necessária para a sociedade sem classes, o socialismo científico se confunde com o anarquismo. Mas enquanto o anarquismo quer de imediato a supressão do Estado, o marxismo quer primeiro empregá-lo para homogeneizar a sociedade estruturada na diferença. O que muda é o caminho, a meta é a mesma. O fato de tanto o marxismo quanto o anarquismo desejarem o ateísmo prova a aversão que eles têm pelos princípios hierarquizantes da realidade. Toda religião ou sistema de ideias que se assemelhe prega e ensina hierarquização. Quando a liderança age mal se confunde a pessoa do líder com a função que ele ocupa, o que são coisas diferentes. Deve-se depor a não autoridade e não o cargo que a autoridade ocupa. O cargo é necessário e, mais do que isso, imprescindível. Se quem tem experiência de liderança erra, o que fazer e o que esperar de quem é novato? Os capitalistas teriam

tudo para serem os melhores estadistas. Mas o seu governo fica aquém do governo da esquerda porque eles pensam mais em suas empresas do que nos rumos da nação e porque temem melhorar as condições gerais do povo com medo de suscitar concorrência para si próprio. É por isso que quem não tem nada a perder “a não ser seus grilhões” pode e efetivamente vem fazendo um governo melhor do que o da direita. Marx diz que “as ideias dominantes de uma determinada época espelham as ideias da classe dominante”. Vamos partir do pressuposto de que esta assertiva está correta. Então, se a sociedade da nossa época é a sociedade do conhecimento é porque os protagonistas da história querem ver crescer o conhecimento. Mas vejamos bem: como controlar a esclarecidos? Divulgando o conhecimento científico e filosófico não se estaria preparando a cama para o inimigo? Isto apenas prova que o conhecimento é algo que transcende a esquematologia das classes tal como nos é apresentada pelo marxismo. Não é o capitalismo que se utiliza do conhecimento para

se expandir, ao contrário, o conhecimento se serve do capitalismo e de todo modo de produção social para crescer. A grande plataforma é o conhecimento e todo o mais está cabido dentro dele. Em que pese a inteligência em certa medida ser totalmente individual, o conhecimento é maior do que o indivíduo. O conhecimento é essencialmente estruturalista. Ele passa pelos indivíduos e é maior do que eles. O conhecimento transcende até mesmo os gênios. O conhecimento, com a ajuda da escrita, é uma coisa em si mesmo, pairando como a estratosfera sobre a litosfera. E já aproveitando a terminologia, gosto de usar o termo noosfera porque dá a noção de nicho, de um quase lugar, ou de um lugar acabado e completo, porém virtual. É como se o conhecimento tivesse os seus próprios fins e empregasse os homens ao seu serviço. Isto explicaria porque em tantas e tantas vezes há confronto entre o interesse real dos homens e o universo de teorias. O conhecimento não sai do homem, o homem sai do conhecimento. O conhecimento até pode ser criação do ser

humano, mas em dado período da história a criatura domina por completo o criador. Tudo passa, menos o escrito, menos o sabido, menos o teorizado. A escrita é o que dá a noção exata do que somos hoje para aqueles que virão a ser num futuro mais ou menos remoto. O conhecimento é uma câmara de conversação e este monólogo situa dentro disso. Hegel chamou de linha nodal a transferência do aspecto quantitativo cumulativo em dimensão qualitativa. É assim que aquecendo a água ela chega a cem graus e se torna vapor. Eu, por minha vez, crio o conceito de gnosiainversão: de acordo com este conceito o ser humano vai agregando conhecimento de modo que numa primeira etapa ele possui uma carga de conhecimento, todavia, o acúmulo constante de conhecimento vai esbarrar em uma linha a partir da qual não é mais a pessoa que tem o conhecimento, mas é o conhecimento que tem a pessoa. Com o passar dos anos a base físico-orgânica do conhecimento se retrai e aí a pessoa é trasladada para um plano superior, para após a total falência

de sua inteligência adquirir conhecimentos superiores. Creio firmemente nisso. A semente precisa morrer para germinar. Nascimento é morte e morte é nascimento. O conhecimento é a única instância que se pode tirar e tirar, encher mentes e a fonte nunca se esgota. Este é o tesouro da vida eterna ou com certeza parte dele. Ainda que um dia passe todo o conhecimento humano, ainda que não haja civilização, que as bibliotecas sejam tragadas pelas espécies remanescentes, tudo terá valido à pena. Porque se algo tem prazo de validade durante algum tempo serviu. Algo não precisa ser útil sempre, basta ter sido útil uma coleção de vezes e representar um elo na cadeia de produção do conhecimento. Precisamente este livro que está em suas mãos, caro leitor, pode não ser um incunábulo (livro escrito antes de 1.500), mas quem sabe todo livro escrito antes de 2.100 receba um apelido e daqui uns 400 anos esta brochura ou o que dela sobrar esteja nas mãos de um colecionador. O fato de a população mundial estar à beira de um recesso na densidade populacional e

o conhecimento segue crescendo exponencialmente, apenas fica clara a autonomia do conhecimento. Posso ter taxa decrescente populacional e taxa crescente gnosiológica ao mesmo tempo. Isto não significa que uma está na razão inversa da outra, mas que o liame entre ambas é tènue. O conhecimento é refém dos idiomas, ainda que certas linguagens como a da matemática, a da lógica e a da informática serem universais. O fato de eu expressar uma ideia universal a partir de um idioma empregado por uma comunidade finita de pessoas, por maior que ela seja, é a prova de que o infinito cabe dentro do finito e de que o universal cabe dentro do singular e do particular. No fundo, os idiomas locais conseguem expressar ideias abstratas e universais porque há uma plataforma invisível e apriorística comum a todos os idiomas. E quanto maior a comunidade de falantes mais elevados são os pensamentos que se podem pensar naquele idioma. Além da questão da extensão a profundidade é também muito importante. É assim

que um idioma falado por um povo que enfrenta muitas adversidades é mais comunicativo do que um idioma falado na comodidade. O conhecimento deve ser como um bom vinho que se bebe diariamente, porém, com moderação. O momento do conhecimento é um instante gostoso e prazeroso em que o homem faz só com o cérebro o que as gerações anteriores dependiam inteiramente do corpo para fazer. Não sem razão um dos diálogos platônicos chame-se O Banquete. O conhecimento é bebida e comida, é uma refeição. E o intelectual profissional que se dedique ao conhecimento ou à escrita com exclusividade é um devorador. Com seu apetite insaciável abarrota as almas alheias com o que escreve. O conhecimento é essa multiplicação que começa com uns apoucados elementos e do que sobra se recolhem doze cestos cheios. Ele é algo que cresce de dentro para fora como uma massa levedada. É como a ameiba que para crescer põe no seu bojo o que no exterior estava. O conhecimento é como uma massa abatumada que para ficar mais macia

precisa ser traquejada. Não podemos perder a prática de pensar e repensar a teoria. De tanto se pensar os velhos padrões criam-se padrões novos. Algo só é totalmente superado quando é totalmente compreendido. A propósito, tudo o que é totalmente compreendido necessariamente é relegado às coisas que estão superadas. Se queremos, portanto, superar o marxismo primeiro teremos de exauri-lo. E o que estou fazendo é exatamente isto. O conhecimento é como a velocidade: até 120 km/h você é motorista, depois disso você é passageiro. Eu há muito tempo entreguei as rédeas de minha vida ao conhecimento.

# O conhecimento criador

Mariano Soltys

O conhecimento guarda em si a prática e o empirismo. Não apenas empirismo, mas uma dimensão de transformação, mesmo sem ser comunista. Como já falamos, os homens não são iguais, e nem querem ser iguais. Seu conhecimento se tornou a propriedade privada e a virtualização do mundo uma razão cibernética. O conhecimento se torna sim criador, uma instância de garantia de construção existencial e da sociedade, sendo também fundamento da responsabilidade e da ética. Virtualização é realização. Não se trata apenas de trabalhar, mas de intelectualizar e superar a dimensão povo-senhor, mas de estar além das classes. O capital é uma garantia individual, faz mesmo parte de uma idiosincrasia. Seja o primitivo com seu machado, arco-e-flecha,

lança, tapera, ou qualquer outro objeto, seja no pós-moderno que tem seus mil objetos de entretenimento e ocupação, como celulares, tablets, pads etc. Vale que tudo isso é resultado do conhecimento, e os senhores pensadores de antanho, Marx e Engels, fundaram antes de tudo um conhecimento, e nada além disso. O conhecimento continua, ao lado de outros saberes, e o sistema por ele fundado já não vingou, uma vez o ser humano naturalmente capitalista, pela vantagem que se deseja ter em relação a uma situação anterior.

Não é apenas a procura do trabalho que levará a adquirir o capital, mas a procura do conhecimento, que garante não apenas o trabalho, mas a existência plena e digna. O ser humano é o que conhece. Desde que cria e sustenta seus filhos, até os bebês em seu desenvolvimento, ambos têm a capacidade de conhecer para viver. Se precisa conhecer para se alimentar, uma vez que doutro modo se comeria pedras. Tem de se conhecer para enfrentar os bullyngs do dia a dia, como todo o

relacionamento que o indivíduo tem, de enfrentar. Seja quando procura uma tarefa que evidencie seu talento pessoal, a fim de semear futura carreira. O conhecimento segue uma linguagem e essa é aberta. A liberdade do ser está nele escrita. A ignorância é que escraviza e domina as massas. Ter o capital sem saber manejá-lo é uma forma de se entrar em dívidas maiores, uma vez que vivemos no império do crédito. Garantindo-se mais, se deve mais. E não se sabendo administrar o dinheiro, fato é que cedo ou tarde virá a mesma insolvência ou falência, essa produzida pela falta de conhecimento ou ignorância. Não existe meio de se lidar com o capital sem tirar algum proveito dele. Não se trata de defender abuso de juros, mas sim de se procurar meios menos gravosos de se lidar com o dinheiro. Esse meio menos gravoso é o conhecimento, que levará a sociedade a condenar formas abusivas de relações econômicas, o que antes exige uma ética superior. Sem ética superior, não se pode mudar a economia. Não ter capital é muitas vezes fato por não se ter capacidade para

possuí-lo. Claro que se tendo o capital, deve-se saber manejá-lo, e para condenar seus abusos, se deve ter conhecimento. Não adianta apenas acabar com a propriedade privada, e nem se pode assim fazê-lo, uma vez que é o conhecimento. Deixar com que as pessoas deixem de possuir objetos, nada mais é que ferir sua idiossincrasia. Não se melhora uma sociedade acabando com a intimidade e dignidade das pessoas, e nem acabando com sua religião ou crença pessoal, seja qual for. E o que o humano pensa, ele cria.

Lucro verdadeiro é o acúmulo de sabedoria, que leva a saúde e ao necessário ao campo material. Muitas vezes as pessoas acham que compram a saúde. Vemos pelo contrário, que é o conhecimento que garante uma melhor qualidade de vida. Não apenas se consultando médicos e nutricionistas, mas de uma consciência pessoas e mesmo responsabilidade. Possui meramente objetos, ou patrimônio, em nada muda essa condição. São os hábitos e o que a pessoa conhece que a transforma. E a sabedoria se encontra

especialmente na filosofia e na religião. Claro que cada um busca de acordo com seu íntimo essas metanarrativas, mas resta que isso não se compra, mas exige uma busca e trabalho. O trabalho intelectual está além do intelectual, mas faz parte da vida de todas as pessoas. Pois antes de desapegar tem de possuir algo. Pois o que se têm é o que já está potencialmente construído em seu interior. O sustento material é apenas um simulacro grosseiro daquele sustento espiritual, que dá base a ipseidade humana. Não se pode comprar ou vender sem se ter alguma vantagem. Nem se conhecer sem fazer algum uso do conhecimento. A inflação de algo existe na medida em que se deseja evoluir. Nem as amebas são diferentes. Claro que se precisa ter mecanismos de defesa e saber onde se investe. Pois há quem mais lucre, e há quem lucre muito pouco. A concorrência e uma série de fatores alteram essas coisas. Mas sobre a sabedoria, esta garante se encontrar de modo algorítmico uma solução matemática para os impasses da vida. Pois a sabedoria constrói a

realidade. E isso depende de se conhecer, mesmo não se admitindo conhecer nada. E existem ricos nada sábios, mesmo que morreram precocemente. Somos na medidas em que exercitamos nosso ser, e não meramente quando exercitamos o ter. Claro que se ter pode ser consequência do saber, e isso nem mesmo importa para o sábio. O sábio superou já as posses mesquinhas e injustas. O fundador da justiça não se contamina com mero colecionismo de bugigangas e hedonismos. Ele supera o Lobo de Wall Street, uma vez que não entra nas armadilhas da sociedade pós-moderna, e menos ainda no materialismo.

Com o conhecimento se pode manter uma sociedade justa e manter o acesso ao capital a cada um, na medida de seu conhecimento. Já repetimos várias vezes no sentido do sábio ser aquele que merece estar no poder, e não meros falastrões do populismo. Pois há aquele que é liderado e aquele que lidera. A evolução é que cada um lidere a si mesmo. Mas enquanto convivemos em sociedade, fato é que conhecer é mesmo levar

até a responsabilidade. Cada um na medida do que pode lhe imputar. Pois os valores sofreram uma transformação, como já demonstrou Nietzsche. Não se pode mudar os valores, mas eles mudam de acordo com o que deseja a vontade. Vivemos nessas representações que estão muito além daquilo que possuímos materialmente. Há mesmo valores, como a felicidade, que estão muito além do capital. Desde os avanços da psicologia e mais recentemente das neurociências, percebemos que muitas vezes mesmo com poucas propriedades, se pode ser feliz. Esse mimetismo social que garante a adaptação às dificuldades, das quais apenas uma é a de ordem material ou financeira. Muito pelo contrário, parece que com quanto mais se possui, mais problemas se têm. Hoje existem tantos programas sociais e garantias em um governo constitucional democrático, que os pobres chegam a ter mais garantias que os ricos. Temos bolsas, programas de apoio, ações afirmativas, compensações raciais e econômicas, créditos especiais e tudo mais. O Estado se tornou de tal

forma justo e paternalista, que vale ter o arquétipo da pobreza. Mas o conhecimento em meio a isso tudo será ainda mais garantindo, e vemos a semente disso já ocorrer na inflação de cursos universitários. O ensino à distância marca esse primeiro passo a uma democratização do ensino. Faltam apenas cursos de mestrado e doutorado nesse meio, para vermos um verdadeiro acesso além de grupos de elite, não elite econômica, mas sim uma elite de confrarias. O conhecimento salva muitas pessoas, e a ignorância que antes bloqueava a evolução, essa sempre individual e com reflexos coletivos, mas que garante que todos busquem o seu capital, mesmo com antigas mazelas como a mais valia, juros abusivos etc.

A mais valia verdadeira é aquele conhecimento que é apropriado e não divulgado, aquele conhecimento que é secreto. O trabalhador em meio a isso tudo é enganado duas vezes, ou melhor, muitas vezes. Mas na medida em que conhece supera essa limitação. E por isso de se levar as novas pesquisas para os bancos das escolas, e se

difundir novas filosofias. A sociedade vive muito no passado, e por isso se ilude com questões de raça, classe, nação, e tantas limitações. Já que vivemos numa economia do ócio alimentado pela informação, nada impede que usemos esses meios para revolucionar. Isso nada tem a ver com fim de propriedade, com comunismo ou igualdades não existentes. Antes que cada um seja reconhecido na sua diferença e tenha acesso ao saber, seja de qual ordem for. Mesmo se sabendo da conspiração que é envolvido. O povo tem direito de conhecer. E o conhecimento nada impede, a não ser que seja ignorância. A luz em meio a isso tudo se reveste de força, de algo que impede aqueles antigos erros e manipulações. Muitas guerras foram ilusões ou jogos de xadrez mundial. Os líderes que moveram o inocente até a morte é que deveriam estar no xadrez. Então não se trata tanto naquele valor que se perde ao produzir, mas naquele conhecimento que se perde ao se existir. E as diversas ilusões e vícios alimentados que correm paralelamente com essa alienação. O povo deixa de conhecer, e não

conhecendo defende causa ainda mais mentirosas. Isso ocorreu na política de diversas eras. Alimentadas por dinheiro e concentração do saber, essa “política” nada teve a ver com teorias democráticas, ou mesmo filosóficas. A república verdadeira deveria ser uma cidade divina, onde cada um pudesse manifestar seu talento e ter seu devido sustento, e, ainda seu capital. Claro que nenhum excesso é bom, como lembrou Aristóteles, e que se deve superar a intemperança, as paixões e algo que afasta das virtudes, como entendia Platão. Mas o segredo em meio a isso tudo foi o problema, e esse o verdadeiro. Talvez porque deva existir em certa medida, a fim de se evitar a revolta. O humano precisa viver tudo, mas é uma conquista que se saiba de tudo. O conhecimento é a característica darwinista impressa no ser humano. É isso que faz sua seleção natural, e o material é apenas um reflexo desse saber impresso na alma e naquele pode humano, que é superior a sua força física.

O trabalhador sofreu porque deixou o conhecimento nas mãos alheias. Ele mesmo permitiu uso e cumpriu uma função. Não pode administrar porque não tinha o conhecimento. Sartre em entrevista falou do papel do intelectual junto ao povo, e mesmo assim não vimos grande efetividade nessa mediação. Não se trata apenas de trair o meio burguês, mas sim de mostrar seu conhecimento superior. Porque o intelectual é por natureza anticomunista. No começo ele abraça essa característica de lutar pelos excluídos, ou por aquelas classes que não partilham do poder. Daí de a noosfera estar em todo o lugar, mas de o intelectual cumprir um papel, só por ele exercido. Frente à noção sensualista do trabalhador, fica com a diferença de linguagem. O corpo tem uma linguagem e a lógica um pouco outra. Enquanto a cultura popular investe cada vez mais no culto ao corpo. Isso sempre esteve mais que simbolizado nas danças e na cultura do excesso. E o papel do intelectual é em muito colocar aquela linguagem científica e filosófica na linguagem do maior número

de pessoas. Não se trata de trair a burguesia, mas de mais uma vez partilhar do segredo. Isso pode até ser inserido na cultura popular, e com o acesso a um conhecimento sintonizado com os meios disponíveis na pós-modernidade. Para tanto, o conhecimento faz do intelectual não um traidor, mas o principal instrumento de poder, seja em cargos públicos, com professores e toda a gama de profissionais liberais. E uma nova didática se faz necessária a fim de aproximar o intelectual do povo, e óbvio tudo se envolve em um entretenimento, longe daquele ensino sacrificial. Mas não é o fim da propriedade para o trabalhador, mas que ele conquiste essa propriedade das próprias mãos.

A existência dos ricos é na verdade uma simulação da riqueza espiritual. Não se trata essa última de qualquer injustiça, mas sim de mérito. E a riqueza material é o coroamento da capacidade de criação pelo conhecimento. Uma grande empresa muitas vezes começa em um planejamento numa simples folha de papel. O conhecimento constitui de um mimetismo criador que nos leva até a Sabedoria

Universal, digna de um Criador Primeiro. Um panlogismo. Para tanto, uma consciência do Todo. A chave disso talvez esteja em faixas mais profundas de consciência, que já se chamou de subconsciente, superconsciente e mais nomes. Antes de um trabalho apenas físico, o que constitui o progresso é uma sintonia com a inflação de sabedoria, mais simples na forma de conhecimento. Claro que esse saber muitas vezes não está em meios ortodoxos. Logo o rico na verdade usa de grande parcela de sua intuição. Por esse meio ele acessa a linguagem de faixas superiores de consciência, que lhe guia em negócios prósperos e que acabam na riqueza. Isso nem mesmo depende de mero conhecimento acadêmico, mas é uma nova práxis que está além do trabalho, e que tampouco depende de exploração de trabalho demasiada. Com esse guia interior, o rico consegue investir naquilo que multiplica seu dinheiro, diferentemente do comum do povo, que investe em campos pouco prósperos. Claro que cada tempo ou aeon tem seus negócios mais rentáveis, de acordo

com as características de arquétipos, reflexos de estrelas ou palavras de poder. Essa linguagem do segredo é uma conquista, não apenas de pessoas, mas de mercados e de um todo. Compreender esse Todo faz que se encontre a riqueza cedo ou tarde. Mas ainda não é a plenitude humana, a qual está mais em um conhecimento divino, em uma gnose que supera esses apegos e características de materialismo.

As gerações de direitos têm seu come no saber. Assim, após as conquistas materiais de propriedade e capital, igualdade e dignidade, meio-ambiente e tecnologias, vemos que foram apenas estádios preparatórios ao direito de sabedoria ou conhecimento, esse gnosiologismo. Uma vez que estamos em outra fase histórica, numa Era que vem se iniciando. Após todas essas garantias constitucionais e democráticas, apenas resta aquele bem maior, o próprio saber. Tristemente ainda não temos um ensino gratuito em todos os níveis, e mesmo em níveis básicos há um forte comércio de Universidades. É dever do Estado

garantir o pleno estudo em todos os níveis, mesmo em mestrado, doutorado e pós-doutorado. Vemos já um progresso em programas governamentais e na multiplicação de cursos superiores, em diversificadas áreas e disciplinas. Essa noosfera é uma garantia ligada ao pilar de nossos valores, que é a dignidade. Quando Kant falava nesse bem humano, nos deixou de herança algo que nos torna além de corpo ou objeto, ou do trabalhador além de sua força de trabalho, e além daquilo que é sua função. Claro que se deve ampliar as garantias do trabalhador, a fim de garantir que adquira o capital. Para tanto, imaginemos o trabalhador e mesmo a massa como uma administradora e circuladora desse dinheiro. Isso garante que todos tenham sua participação no mercado, e isso revela o segredo a todos. Mas até que a consciência evolua para tal, cabe a que se busque o conhecimento. Deve-se assim investir em pesquisas e na ciência. Também na filosofia, pois garante um meio superior de cura e de paz social. Desta feita, as conquistas que já foram devem se somar ao conhecimento, que é o

centro daquilo que garante o capital. Isso está já inserido no capitalismo, que parece que se moldou a democracia. Essa compreensão do dever-ser acaba por fazer uma ética superior, digna de um humanismo. Vemos assim nesse contrato que se partilha com o estado, muitas vezes negando certas parcelas da personalidade, uma forma de se assegurar a vida e a dignidade. Logo, o cidadão é tanto cidadão na medida em que tem capacidade e conhecimento. Não se pode responsabilizar quem tem conhecimento inferior, ou falta de consciência de seus atos. Assim, a geração dos direitos tem seu ápice no conhecimento (gnosiologismo), que acaba garantindo aqueles anteriores, em especial a propriedade.

E o que está oculto está inconsciente, ou melhor, subconsciente. Para tanto, em nosso tempo a parapsicologia tem de ser uma forte base a filosofia, mostrando o funcionamento da mente e do mundo. Desde Rhine que devemos levar em conta que o mundo tem ligações invisíveis, e que a capacidade humana é maior do que antes se

pensou. O conhecimento quando era elitista ou de classes reservava esse poder a sacerdotes, políticos e magos. No Brasil possuímos Oscar Quevedo, e no campo filosófico, Fídias Teles. Cada vez percebemos mais que existe uma emergência de se compreender a dualidade humana, e a existência de uma alma que supera a limitação da matéria, esta na linguagem do corpo. Também superamos aquele limite inicial de Malthus, onde a mera alimentação se tornava o limitador da existência humana. As necessidades básicas foram garantidas por gerações de direitos, ou era de direitos já conquistadas. Uma vez resolvida a questão da fome mundial, que tem suma importância, resta apenas garantir o sustento espiritual. Isso está em se conhecer os segredos da mente, estes já conhecidos de certas confrarias antigas. O estudo merece uma disciplina específica de ciência da mente, superando a antiga psicologia sexista, bem como a mera biologia. Claro que se deve somar conhecimentos e tudo é necessário, como já falei em minha Panlogia. Fato é que vemos

as pessoas demonstrarem que não basta um mero conhecimento acadêmico, nos antigos moldes que ele vinha se realizando. O conhecimento tem de chegar a níveis superiores. Mesmo o uso da fé e de toda a experiência da humanidade tem de ser levada em conta. Mesmo de conhecimentos populares e da prática do dia a dia, que tem resultado positivo. Temos no Brasil ainda o filósofo Herculano Pires, que faz uma espécie de ponte entre parapsicologia e espiritismo. Fato é com o tempo percebemos que nossa mente tem potencial que pode garantir não apenas a aquisição de propriedade, mas uma existência sustentável e mesmo feliz. A regra seria que aplicássemos o uso correto da mente para ter uma existência digna. Isso altera todo o campo da formação e educação, bem como um treino que valorize mais os aspectos intuitivos e paranormais das pessoas, para que estas usem isso ao seu favor. O conhecimento é o centro disso, não o mero trabalho, pelo menos não daquele meramente braçal. Claro que a função desse labor é essencial, e que devemos sempre

valorar todos os níveis de colaboração social. Deve ser punido todo e qualquer desestímulo de pais em relação a filhos na educação, e cada mensagem inserida na mente das crianças deve ser policiada e treinada, para que não se crie pessoas com possível fracasso. Cada um deve ser estimulado em sua metanarrativa, se não por sua família, que seja pelo Estado, que também usa de uma ferramenta paternalista. Isso exige uma transformação nas leis, bem como nos costumes. O conhecimento tem de ser o centro da cultura, a fim de que seja usado com essas ciências mentais, e que isso resulte em um uso mais pleno das potencialidades interiores. As ferramentas de uso do subconsciente devem ser estudadas a ponto de conseguir um domínio e uso favorável. Hoje percebemos um uso negativo disso, onde muitos atraem o negativo e não progredem, na vida, perdendo o acesso ao capital. E o subconsciente é uma chave que estava antes na religião, fé, magia e tantos outros meios, como a intuição ou mesmo certos talentos inexplicados. Todos têm sua

potencialidade, e cada um descobrirá sua verdadeira natureza e vontade rumo a isso. O conhecimento será a chave disso, e não mero fim da propriedade, comunismo, bem como qualquer limitação de direitos individuais ou fim de capitalismo.

# A Acumulação Primitiva

Cléverson Israel Minikovsky

O próprio Marx reconheceu que a sua teoria da acumulação primitiva representa em sua grande teoria o que o pecado original representa para a teologia. Assim, se fulminarmos o que Marx escreveu acerca deste tema, tudo rui em unísono. Marx mostra que o sistema capitalista é atávico. No sentido de que o proletário reproduz o proletariado e o burguês perpetua a sua cômoda situação. Os desvalidos sempre serão marginalizados e a acumulação na mão dos capitalistas crescerá cada vez mais. O que com muita propriedade Marx pergunta é: como foi o início do processo? Como que uns homens foram despojados e outros concentraram em suas mãos os meios de produção? E a resposta que ele dá é essa: foi através do esbulho. O que Marx admite como regra eu o coloco como exceção. Marx explica que a

grande divisão social do trabalho cindida em administradores e trabalhadores nasceu do esbulho. Para mim o que existe é o inverso disso: o esbulho nasce da divisão social do trabalho. Eu só começo a ser explorado a partir do momento em que um produz e outro pensa a produção. Mas quem define quem pensa o processo produtivo? Simples: o que tem mais conhecimento acerca deste processo. A acumulação de conhecimento gera a tença dos meios de produção. Até porque você pode dar os meios de produção de presente para quem nada sabe que eles vão se estragar sem que nada seja produzido. O know how vem antes dos instrumentos. Com conhecimento facilmente adquire os meios de produção. Mas se tenho os meios de produção e sou um analfabeto tecnológico nenhum resultado surtirá. A diligência, aliada ao conhecimento e ao espírito de parcimoniosidade, gera sim uma acumulação primitiva sem que seja necessária a violência ou o atentado contra o patrimônio e a dignidade de terceiros. Além disso, há a aptidão natural. Pois os

homens naturalmente tendem a ter espírito de liderança ou a serem subservientes. Outra questão de ordem que merece ser colocada em pauta é um marco temporal. A acumulação primitiva não é algo recente, mas perde-se na noite dos tempos lá na Mesopotâmia. A partir do momento em que há a Revolução Agrícola começa a haver excedente de alimentos. E todas as outras profissões não agrícolas começam a florescer. Assim, quando em função do aumento da população, complexificação da sociedade e surgimento de novas demandas surgem novos papéis sociais. E aí começa a dissociar quem produz a mais-valia e quem dela se apropria. É assim que surge o clero, a judicatura, a medicina, o artesão, o comerciante, etc... Repetimos: e a DST que engendra a acumulação e a acumulação não cria, mas apenas itera a DST. Claro, chegados aqui, entramos num círculo vicioso. No sentido de que alguém está em determinado papel social por se apropriar da mais-valia e se apropria da mais-valia por estar em determinado cargo social. Quanto ao fato de um

encaminhar-se para a administração da coisa pública, outro para assuntos de somenos importância, outro para a força braçal e outro para a atividade intelectual isto se deve à variabilidade genética aliada à construção social da individualidade de cada sujeito social. A todo instante vemos pessoas migrarem de classes sociais mais baixas para mais altas e quebrarem empresas familiares. Nada é estático como Marx supunha, tudo é dinâmico. Dentro do raciocínio de Marx, ou seja, que a primeira acumulação se deu com o esbulho está correta a ideia de revanche, seja ela, os expropriados expropriarem os expropriadores. Mas se se nega o esbulho, nega-se também a ideia de revide. Nas chamadas sociedades primitivas também se veem a divisão social de trabalho e as regalias que dela decorrem. Marx coloca as coisas do seguinte modo: os burgueses só ficam com a vantagem e o capital e o proletário só fica com o trabalho e a desvantagem. Mas não é assim que funcionam as coisas. O capitalista tem responsabilidade, precisa cuidar da

logística da coisa enquanto o proletário só tem de trabalhar e aguardar comodamente seu salário. A ousadia de empreender desde o início está presente na burguesia. A ideia de esbulho tem de ser revogada em nome da omissão dos dominados. Quando o mundo comportava uma pequena população a terra pertencia, guardadas as proporções, para quem tinha a maior plantação ou o maior rebanho. E o grande agricultor e o maior pastor era o mais proativo. Assim os que fazem, os que trabalham mais do que o necessário, os que conhecem mais do que o meramente elementar naturalmente aglutinam em torno de si todas as coisas, inclusive os meios de produção. A riqueza concentrada no mundo traduz muito mais o grau de comprometimento das grandes personalidades e o desleixo dos menos dotados do que algum tipo de relação intrinsecamente injusta. Há famílias que há séculos se mostram organizadas e é claro que o fidalgo já nascerá em melhor situação do que o filho do acaso. O marginalizado é o omissor. A riqueza de um homem é o indicador do seu nível de

responsabilidade, comprometimento, liderança, conhecimento e proatividade. A riqueza e a pobreza são a expressão máxima da lei do retorno. Muito importante além esforço pessoal é que o sujeito tenha tato de perceber o que é e o que não é promissor. Sim, porque quantidades idênticas de esforço podem render resultados completamente diferentes. Onde Marx vê os cercamentos eu vejo o minifúndio sendo aglutinado pelo latifúndio porque a produção agrícola impõe uma escala mínima de produção do que a agricultura de subsistência não dá conta. O capitalismo não precisa preparar seu campo de atuação pela violência, são processos que ocorrem naturalmente. Quem precisa artificialmente fazer acontecer é o socialismo. Não é necessário ser um super-homem para ser elite. Qualquer sujeito que em algum aspecto da personalidade esteja pouco acima da média já consegue lugar ao Sol. A retórica foi o primeiro capital do primeiro capitalista. Porque quando um sujeito que nada possui convence outros nove a trabalhar para ele acontecerá naturalmente o líder

entesourar mais que seus colaboradores. Ser burguês não é ser dono dos meios de produção, pelo contrário, é a capacidade de mobilizar pessoas em que a mobilização de coisas é só uma consequência. É mais fácil conseguir riqueza pelas pessoas do que pessoas pela riqueza embora ambas as premissas estejam corretas. O maior patrimônio do capitalista é abstrato e ideal. Vã sabedoria querer fazer dos meios de produção o centro de tudo. Não há nada de concreto que substitua a experiência de um empreendedor. Não adianta presentear a classe dos trabalhadores com os meios de produção enquanto eles próprios não forem suficientemente organizados e arrojados para fazerem esta conquista para si mesmos através do empenho exclusivamente seu. Porque manter sua atividade envolve o mesmo ou até maior grau de dificuldade do que chegar ao patamar de se lançar à iniciativa. Como observa Aristóteles, na natureza tudo segue um fim por si só e a violência consiste em mudar a posição natural das coisas pela força. A comandita é o melhor exemplo jurídico do que

pretendo explicar. Em suma, o sujeito pode até não ter capital, mas constrói seu patrimônio pela via única e insubstituível da ousadia casada com a habilidade. Nunca houve esbulho. E quando houve foi uma circunstância excepcional e isolada. O que sempre houve e sempre haverá são os homens de comportamento heroico, os medianos e os refratários. Os medianos são capitaneados pelos heroicos e os refratários existem, dentre outras coisas, para ser mais uma justificativa à existência do Estado. Refratário é aquele que abalroa um carro se lhe é dado um carro, pede demissão do emprego sem ter outro emprego em vista, quando servindo ao Exército é expulso por indisciplina, é encontrado em clínicas psiquiátricas e nos presídios. Encaixam-se nesse perfil os criminosos de toda ordem, drogados e prostitutas. Os heroicos são os dirigentes: da religião, da economia e da política. Nunca houve na empiria o nó górdio que Marx faz nascer na teoria, seja ele, o nó da grande ruptura. É a própria dialética, conceito idolatrado pelo próprio Marx, que demonstra que o somatório

gradual e persistente de pequenas mudanças faz a quantidade converter-se em qualidade. Assim, o mundo dividido em classes ilustra um processo longo e contínuo em que uma classe hereditária de acumuladores de pequenas vantagens aumento o referido cabedal até que surgisse a diferença abissal que existe hoje. É como digo, Marx pensa as coisas de trás para frente. Ele inventa uma acumulação primitiva para justificar sua ideia de esbulho. Ele inventa uma problematização teórica para embutir na cabeça do leitor uma ideia preconcebida. A acumulação primitiva de Marx pode ser comparada à teoria do pacto social: a um artifício para forçar a admissão de uma coleção de valores. Mas o suposto teórico nada tem a ver com a consistência da história nas suas bases fáticas. Assim como o pecado original na teologia é uma metáfora, pois Adão, em verdade, nunca existiu, também a acumulação primitiva é a metafórica e não tem fundamento “in re”. A acumulação primitiva é um conceito mágico e encantado da teologia marxiana. Não há nada melhor para fazer inquirar

uma metanarrativa – e o capitalismo é uma metanarrativa – do que macular sua etiologia. É mais ou menos como denegrir a imagem concreta por ser filho de relação adúltera. É como o cego de nascença do evangelho. O capitalismo nasce de uma coisa bonita que é a vontade de superação de certos indivíduos, em primeiro lugar em relação a si mesmos, e, depois, em relação aos demais. A cumulatividade das vitórias é que torna uns mais proeminentes que outros. Diria até que quem é poder não quer deixar os outros crescerem. Mas quem sempre foi desleixado terá de dar conta dos músculos alheios adicionais oriundos do seu estilo omissivo e despreocupado. O capitalismo é como um concurso: a cada prova fracassada aumenta o grau de dificuldade das posteriores. E não adianta questionar as regras. Pelo contrário, tem de se cumprir as regras. Em verdade digo: é mais fácil, apesar de toda dificuldade, o operário se tornar também ele capitalista do que criar uma sociedade socialista que funcione. Uma sociedade socialista é uma sociedade sem classes à medida que todos

são capitalistas. Enquanto nem todas as pessoas estiverem preparadas para serem capitalistas não dará certo a sociedade socialista. Quem não consegue o menos, não consegue o mais. Quem sequer consegue viver o judaísmo, com maior razão será incapaz de viver o cristianismo. Não há dúvida de que em regra o trabalhador coloca mais valor no que produz do que aquilo que ele retira da cadeia produtiva como salário. Mas isto não justifica a criação de teorias mirabolantes como a teoria da acumulação primitiva. O burguês só pode extrair mais valor do seu colaborador do que aquele que ele se apropria porque no pretérito ele próprio ou um ancestral seu deu de si ao mundo mais do que aquilo que a média costumava oferecer. Como diria a passagem do evangelho que elucida bem o perfil dos axiomas do mundo espiritual: tirai a mina do que só tem uma e dai àquele que tem dez. Isto não é uma regra capitalista, é uma regra que transcende todo e qualquer modo de produção, contexto histórico ou geográfico. Quando se passa de um nível a outro, acontece como ao contribuinte

previdenciário: preencheu os requisitos – agora, além de não precisar contribuir – vai receber pago. Quem não sabe viver e superar a dificuldade não está preparado para viver e fruir a facilidade. Marx faz da virtude um vício, faz do plus um minus, transforma o esforço em esbulho. O capitalista não realiza violência contra terceiro, mas contra si mesmo. Ele cobra de si. E de tanto cobrar de si passa a ter o direito de cobrar dos outros. Nos Manuscritos Econômico Filosóficos é que Marx elucida bem a natureza da acumulação primitiva: o ser é sacrificado em nome do ter, o interior é sacrificado em nome do exterior, o ideal em nome do material. O capitalista em primeiro lugar mortifica a si mesmo para só então sacrificar os que se lhe subordinam. Acumulação primitiva é trabalho duro e mortificação. O capitalismo é uma religião. Ele cobra conduta compatível dos seus asseclas. Correta em linhas gerais está a ideia de mais-valia: é tipicamente uma ideia de sobra, de excedente. Fazer sobrar é produzir e abdicar a um só tempo. O excedente é positivo enquanto fruto do trabalho e é

negativo enquanto renúncia de fruição. O excedente é uma lei natural. Porque é um princípio que a biosfera tem mais a oferecer do que o homem necessita dela retirar. A natureza ajuda quem com ela colabora. E a primeira natureza a ser trabalhada pelo homem é a natureza que está no próprio homem. Os princípios são democráticos, eles não são classistas. Qualquer um, por mais excluído e marginalizado que seja, que trabalhar com obtemperança e fidelidade aos princípios da natureza alcançará êxito. A natureza não escolhe raça, cor, condição, família, status social ou patamar econômico. Entregue uma caneta a um semianalfabeto ou a um intelectual: cada qual escreverá um texto compatível com seu nível de inteligência. Mas a caneta será tão submissa ao semianalfabeto quanto ao letrado. Da mesma forma o papel aceitará a grafia de um e de outro. Não me venha Marx dizer que o intelectual nasceu em berço de ouro e o semianalfabeto em berço de palha. O certo é que do fato de as conquistas de uma geração serem transmissíveis às

supervenientes isto não invalida o jogo. Até porque aquele que optou pela carreira da erudição poderia ter escolhido ser um pródigo ou doidivanas. A teoria da acumulação primitiva é um fetiche, uma reificação, um amuleto. Teoria sem poder heurístico algum maquia a verdadeira origem acerca da desigualdade entre os homens. É uma inverdade, uma hipótese que só poder ser defendida por um sicofanta. Ainda que a teoria da acumulação primitiva fosse verdadeira a propriedade privada não seria ilegítima. Porque se nos dias de hoje a virtude é a liderança e o empreendedorismo, no passado a virtude era a força. Desde a época da suposta acumulação primitiva o critério mudou dezenas de vezes e quem era elite ontem continua sendo elite hoje. Não se trata de sujeitos mais proeminentes do que a média? Se quem usurpou conseguiu manter até hoje, mereceu, então, o prêmio oriundo da usurpação. O sujeito que assume a bandeira, assume a consciência de classe, assumiu o próprio fracasso. Ele confessou que não tem condições de melhorar e quer ser

promovido sem deixar de ser o que é. Enquanto na religião Cristo justifica a todos pelo seu sacrifício pessoal na cruz, no capitalismo cada um deve ser pessoalmente crucificado sem vicários, de modo que o enfrentamento é indelegável. O socialismo vai na contramão disso. Abole a meritocracia com os dizeres: “a cada um conforme sua necessidade, de cada um de acordo com sua capacidade”. É certo? Não, não é! Quem está montado na estrutura, para Marx tem demérito, para mim, tem mérito. Até porque, se formos suficientemente fortes, podemos derrubar quem está encastelado sermos nós mesmos a dianteira do carro de jagrená. O mundo é dos fortes. É ilógico usar da força para prestigiar a fraqueza. Se a fraqueza é tão boa quanto dizem os socialistas ela deve, no mínimo, ter capacidade de velar por si própria. Marx forjou uma ideologia a favor dos desvalidos ainda que ao preço da fraude científica. O agir de Marx foi tendencioso e imoral. Não se deve usar de mentira ainda que a pretexto de favorecer uma boa causa. O marxismo é religião e, como diria Helena

Blavatsky, nenhuma religião é superior à verdade. Só que enquanto o cristianismo, só para exemplificar, indica o mau caminho e oferece como alternativa o bom caminho, o marxismo condena o capitalismo e não oferece subterfúgio. O remédio vem a ser pior do que a suposta doença. O Capital de Marx é como um auto judicial fraudulento em que o capitalismo é condenado de maneira injusta, sem direito ao contraditório e à ampla defesa. A teoria da acumulação primitiva de Marx é de conseqüências muito sérias. Pois o fundamento da ordem jurídica em sua perspectiva seria a máxima injustiça. Daí o entender de Marx que o Estado e o direito que dele decorre seriam uma superestrutura visando à manutenção do *status quo*. Uma coisa é certa: o direito realmente é conservador. Ele reforça a diferença. Mas devo fazer uma salva ao direito. Ele implicitamente diz: quem alcançou tal posição social tem estas e mais aquelas prerrogativas. Mas veja-se bem: todo aquele que lograr alcançar uma posição mais elevada terá exatamente as mesmas prerrogativas. É como se o direito dissesse “todo

verde é detentor de tal e tal comodidade” e, assim que você se torna um verde, passa também a usufruir das mesmas comodidades. O direito, com algumas exceções como o direito do trabalho e o do consumidor, é a arte de dizer o direito do mais forte. E isto é tão verdadeiro que nas repúblicas socialistas praticamente todas as ações são contra o Estado e, através do seu Judiciário, o Estado dá razão a si mesmo. O direito cria o processo para dizer que houve uma discussão, uma apreciação da matéria, um procedimento, enfim. O direito justifica sempre o poder, qualquer que seja o poder. Todavia, não vejo nada de errado no fato de o Judiciário ser um poderoso ingrediente da ordem capitalista. Principalmente quando se fulmina a teoria da acumulação primitiva caem por terra as críticas ao Judiciário enquanto legitimador. Ainda que a acumulação primitiva tenha sido realmente um esbulho então precisaríamos contextualizar este esbulho para a época do homem caçador nos primórdios do patriarcado. Ou até muito antes disso quando nem bem homens nós éramos. Imagino

duas figuras simiescas antropoides disputando uma carcaça. Quem logrará êxito? Não exatamente o mais forte, mas o mais resiliente. E resiliência é persistência, é paciência, é resolução, é determinação. Ora, estas virtudes merecem ser premiadas. Porque se a diferença nasce com a acumulação primitiva então antes deste evento todos eram iguais. O próprio Marx fala no “comunismo primitivo”. Ora, se um igual suplantou e transcendeu outro igual isto significa que ele teve uma virtude, um mérito pessoal. Ele despendeu um esforço que outro não despendeu por comodidade. Não bastasse a igualdade de condições nas quais se deu a suposta acumulação primitiva, temos de considerar os efeitos benéficos deste fenômeno. Todas as instituições, o direito, os valores, a garantias, nascem da acumulação. Se não houvesse esse primeiro passo, no dizer de Spencer, da homogeneidade para a heterogeneidade, não haveria civilização, não haveria sociedade, seríamos um bando de animais mais semelhantes aos outros animais do que àquilo

que somos hoje. Questionar a acumulação primitiva equivale a questionar tudo o que temos e somos, tudo em que acreditamos. A admissão da teoria marxiana da acumulação primitiva conduz ao niilismo, o que é razão forte o suficiente para taxarmos esta teoria de irracional e completamente absurda. Que lugar deve ocupar a teoria da acumulação primitiva de Marx? Seu lugar é o lugar de uma reflexão crítica e relativizante. Não deve ser encarada como um dogma de fé e muito menos como verdade absoluta. É apenas um dos modos possíveis de explicar como as coisas aconteceram e, como demonstramos, é, na verdade, a pior forma. Sempre terá valor enquanto algo teórico e livresco, que é a característica da maior parte dos trabalhos dos filósofos famosos.

## Posfácio

A tentativa da obra é superar o materialismo histórico. Da mesma forma que em A Iniciativa tentei superar a teoria da mais-valia. Precisamos enterrar estes jurássicos. Nesta obra pude contar com a colaboração de Mariano Soltys que escreveu o capítulo segundo e o quarto. O primeiro, o terceiro e o quinto são de minha verve. O materialismo histórico até hoje foi um membro do corpo que dizia que o organismo não é importante. Ou seja, parte da noosfera que pauta-se sobre a premissa de que a noosfera não é importante. Apontamos e corrigimos este defeito. O tripé do marxismo é materialismo histórico, mais-valia e acumulação primitiva. Detonamos as bases teóricas de ambos os três pontos de vista. Enquanto um prédio velho não é implodido ele continua de pé, e minamos e implodimos o edifício até pulverizá-lo. Agora basta removermos os entulhos. Obrigado por ter nos acompanhado até aqui.

Cléverson Israel Minikovsky, pensador.

